

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

PATRÍCIA PÂMELA LIMA PENHA

**O CIÚME EM RELACIONAMENTOS POLIAMOROSOS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO**

VITÓRIA
2015

PATRÍCIA PÂMELA LIMA PENHA

**O CIÚME EM RELACIONAMENTOS POLIAMOROSOS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Msc.: Arion Carlos Ribeiro de
Oliveira

VITÓRIA
2015

PATRÍCIA PÂMELA LIMA PENHA

**O CIÚME EM RELACIONAMENTOS POLIAMOROSOS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO
COMPORTAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,
como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em _____ de _____ de _____, por:

Prof. Msc. Arion Carlos Ribeiro de Oliveira - Orientador

Prof. Esp. Alexandre Gomes Brito - Faculdade Católica Salesiana de Vitória

Prof. Msc. Ruy Anderson S. Martins – Faculdade São Camilo

AGRADECIMENTOS

Aos familiares que se fizeram presente durante toda essa etapa da graduação que se finaliza. Em especial ao meu pai que com amor tornou tudo possível.

Ao Arion Carlos que me orientou durante a pesquisa com muito carinho e dedicação;

Ao Alexandre Brito e ao Ruy Anderson por aceitarem fazer parte dessa etapa durante a banca, oferecendo de seus conhecimentos para o aprimoramento da pesquisa;

A todos os professores da Faculdade Católica Salesiana de Vitória por atuarem com excelência e por serem a base do meu aprendizado durante esses anos;

Aos professores do Instituto Interage de Vitória pelo conhecimento compartilhado e presente na elaboração dessa pesquisa;

Aos grandes amigos que fiz durante o período da graduação, que tornaram os momentos mais agradáveis e inesquecíveis.

“O seu amor
Ame-o e deixe-o livre para amar”
- Gilberto Gil

RESUMO

O poliamor ganhou maior visibilidade na década de 90, como uma possibilidade não-monogâmica e consensual de se relacionar sexual e amorosamente. É um assunto ainda pioneiro em relação a pesquisas científicas no Brasil, sendo mais comum encontrar artigos e livros produzidos nos EUA. O objetivo desta pesquisa foi verificar se há comportamento de enciumar-se em relações poliamorosas, como este fator pode afetar as relações, bem como quais os manejos em tais situações. O método utilizado foi um estudo de caso, e foram entrevistados sete (7) participantes individualmente de idade de 19 a 31 anos que residem no estado Espírito Santo. Os resultados mostraram que 3 dos participantes relataram sentir ciúme, enquanto 4 participantes relataram que esse comportamento não é comum em suas relações. As situações relatadas pelos participantes que provocaram o comportamento de enciumar-se são coerentes ao que propõe a base conceitual da teoria utilizada, a abordagem da análise do comportamento, que indica que essa emoção é apresentada quando há uma situação de possível perda de reforçadores para o indivíduo. Em relação ao manejo do ciúme notou-se que em situações que há ciúme, predomina inicialmente, um padrão de comportamento de esquiva visando efeitos a curto prazo, e em um segundo momento, uma das formas mais freqüentes de lidar é com o diálogo, na tentativa de desconstrução do ciúme a partir do conceito de compersão. Compreende-se que o próprio contexto de regras das relações de poliamor favorecem para que novos repertórios sejam aprendidos e mantidos.

Palavras-chave: Poliamor. Compersão. Ciúme. Análise do comportamento

ABSTRACT

Polyamory became visible in the 90s, as a possibility monogamous and non-consensual sex and to relate lovingly. It's a subject still pioneer with regard to scientific research in Brazil and is more common to find articles and books produced in the USA. The objective of this research was to determine whether there is jealous behavior in polyamorous relationships, as this factor can affect relationships, and any managements in such situations. The method used was a case study, and were interviewed seven (7) individual participants age 19-31 years residing in the state of Espírito Santo. The results showed that three of the participants reported feeling jealousy, while 4 reported that this behavior is not common in their relationship. Situations reported by participants that caused the behavior he is jealous are consistent in proposing the conceptual basis of the theory used, the approach to behavior analysis, which indicates that this emotion is displayed when there is a possible loss of boosters situation for the individual. Regarding the handling of jealousy it was noted that in situations where there is jealousy, predominantly initially an avoidance pattern of behavior aimed at short-term effects, and in a second stage, one of the most frequent ways of coping is through dialogue, attempted deconstruction of jealousy from the concept of compersion. It's understood that the proper context of implementing polyamory relationships favor for new repertoires are learned and maintained.

Keywords: Polyamory. Compersion. Jealousy. Analysis of behavior.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1 O ESTUDO DOS EVENTOS PRIVADOS NA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	21
2.2 O CIÚME.....	26
2.3 O AMOR	30
2.4 O POLIAMOR.....	32
3 METODOLOGIA.....	43
3.1 TIPO DE PESQUISA	43
3.2 CAMPO DE PESQUISA	44
3.3 PARTICIPANTES.....	45
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	45
3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	46
3.6 ASPECTOS ÉTICOS	46
3.7 PREVISÕES DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	47
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS	51
4.2 AS RELAÇÕES E CATEGORIZAÇÃO DO POLIAMOR.....	52
4.3 O CIÚME.....	55
4.3.1 O ciúme relatado pelos participantes	56
4.3.2 O ciúme relatado nas relações.....	60

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A	78
APÊNDICE B.....	79
APÊNDICE C.....	81

1 INTRODUÇÃO

O contexto atual da sociedade viabiliza e mantém no auge questões que condizem com a liberdade, seja sobre si mesmo e/ou pelas formas de se relacionar. O grande leque de possibilidades de concretização dessas relações (seja através da monogamia, poliamor, poligamia, relações livres, entre outras), é um fator a ser estudado dentro da área da psicologia, pois se refere à diferentes formas de interações entre indivíduos e a diferentes formas de se comportar.

A própria tecnologia tem influenciado na questão de promover maior acessibilidade a informação, o acesso a internet reduziu barreiras ou distância para alcançar conhecimentos espalhados por todo o mundo. Esse mesmo fator também se aplica no aspecto das relações amorosas/sexuais, no sentido de promover o contato com pessoas próximas ou até mesmo distantes, através do ambiente virtual. Facilitou também, o acesso a pessoas que tenham maior compatibilidade em relação a gostos/preferências e assuntos em comum, assim como a possibilidade de encontrar novos parceiros.

Sendo assim, o avanço tecnológico trouxe mudanças no nosso cotidiano que possibilitou que as pessoas pudessem se relacionar virtualmente, interferindo de forma direta nas relações humanas e trazendo novos conceitos, por meio dessa modernidade. Estudar as relações amorosas atualmente, implica em compreender como elas se dão nos dias de hoje, assim como, quais são as novas configurações e possibilidades de se relacionar.

Um dos termos que recentemente tem sido muito discutido, principalmente no ambiente virtual, é o poliamor. Esse conceito tem despertado o interesse de muitas pessoas, de maneira geral. O próprio nome provoca certa curiosidade e então, as mesmas buscam compreender, de fato, como essas relações se estabelecem, e como seria possível viver relações em uma lógica diferente das outras. Por outro lado, a falta ou o conhecimento superficial sobre o tema é um fator que infere em interpretações errôneas sobre a temática em questão. A princípio, pela própria impressão que o próprio nome pode trazer em sua origem, faz com que algumas pessoas acreditem que

este é um modelo que indivíduos buscam incessantemente por vários parceiros sexuais, não considerando que a definição desse conceito está para além da visão exclusivamente sexual, abrangendo de fato, o amor, e suas formas únicas de amar. Freire especifica essa ideia quando diz que o poliamor:

Apresenta um discurso diferente sobre o amor, em que a noção de amor é construída em torno de uma série de temas e valores, que servem de base de sustentação para a construção de relações poli. Eles atribuem a devida importância ao sexo, porém, o principal objetivo não é ter muitas relações sexuais, e sim compartilhar experiências e sentimentos amorosos. Os ideais do amor romântico (a união é única e eterna) também são desafiados pelo poliamor; estes ideais pautam a sociedade ocidental, cujo paradigma central das relações amorosas apoia-se na ideia de considerar que o casal se relacione apenas entre si, vivenciando a relação a dois (FREIRE, 2013, p. 17).

Em uma breve definição, o poliamor pode ser compreendido como uma alternativa à monogamia, que torna possível ter relações afetivas e sexuais consensuais com mais de um parceiro (LINS, 2007).

A adoção desses estilos de vida alternativos alterou o modo como as pessoas compreendem e experimentam suas relações íntimas, contribuindo para o questionamento do padrão cultural de comportamento sexual. Este questionamento refletiu na forma de pensar e conceber o casamento tradicional, que ao longo do tempo vem passando por transformações que têm resultado no surgimento de vários arranjos conjugais, que vão dos mais tradicionais aos mais modernos, a saber: o casamento homossexual, a coabitação e união estável, o ficar, a relação virtual e o poliamor (FREIRE, 2013, p. 18).

Mais adiante nesta pesquisa, o assunto será discutido com maior profundidade, especificamente no tópico 2.4 Poliamor.

Essa é uma questão que permeia não apenas a área da psicologia, como também existem artigos na atuação do Direito, que abordam a questão do Direito da Família e a oficialização do casamento entre mais de duas pessoas. Segundo o autor:

O Direito passou a proteger todas as formas de família, não apenas aquelas constituídas pelo casamento, o que significou uma grande evolução na ordem jurídica brasileira, impulsionada pela própria realidade. A mesma realidade impõe, hoje, a discussão a respeito das "Famílias Simultâneas", em que a pessoa mantém relações afetivas com duas ou mais pessoas ao mesmo tempo (BUCHE, 2011, p.1).

Atualmente é discutida a questão da união estável poliafetiva, mas este ainda é um assunto que causa grande discussão. No Brasil foram registrados alguns casos recentemente, porém essa discussão é tratada de maneira mais detalhada por outros

autores da área do Direito, onde emergem discussões com diversos pontos de vista sobre a legalidade dessa união e demais fatores relacionados.

É possível notar, dessa forma, que este é um tema que pode ser visto de diferentes ângulos, e por isso pode ser pesquisado por diversas áreas. Porém, em nível nacional, como um todo, há pouca produção científica sobre o poliamor, sendo mais comum encontrar pesquisas realizadas nos Estados Unidos e outros países estrangeiros que estão a mais tempo, familiarizados com o termo. Inclusive, por se tratar de um conceito que teve início fora do Brasil, é possível encontrar maior variedade sobre o assunto em literaturas estrangeiras. Enquanto isso, no Brasil “[...] As maiores influências observadas são o “amor livre” (em especial os livros de Roberto Freire), o feminismo e os movimentos LGBT” (PILÃO, 2012b, p.2).

Em uma pesquisa realizada no site Scielo com o termo “poliamor” é possível encontrar apenas um artigo científico publicado. O fato de existirem poucas pesquisas no Brasil torna ainda mais relevante a realização dessa pesquisa. Estudos na área da psicologia são ainda mais escassos, sendo um pouco mais comum encontrar nos sites de buscas artigos nas áreas das Ciências Sociais e do Direito.

Para facilitar a leitura, essa pesquisa foi organizada em tópicos, a parte inicial do trabalho item 2.1 O estudo dos eventos privados na análise do comportamento busca contextualizar a análise do comportamento em relação ao estudo das emoções e dos sentimentos, para que então seja possível abordar o ciúme em específico, adiante no tópico 2.2. A questão do estudo dos eventos privados é extremamente relevante pois muitas das vezes, devido a uma interpretação incorreta, a análise do comportamento é vista pelo senso comum como um ciência que ignora aspectos relacionados as emoções. Nesse item é possível compreender brevemente como essa relação existe e como esses eventos são conceituados cientificamente por alguns principais autores da área. A princípio entende-se que o estudo do comportamento é algo complexo, porém possível dentro de uma ciência que busque, de fato, este conhecimento. Como afirma o autor:

O comportamento não é um desses assuntos acessíveis somente com a invenção de um instrumento tal como o telescópio ou o microscópio. Todos nos conhecemos milhares de fatos sobre o comportamento. Realmente não há

assunto com o qual pudéssemos estar melhor relacionados, pois estamos sempre na presença de pelo menos um organismo que se comporta. [...] O comportamento é uma matéria difícil, não porque seja inacessível, mas porque é extremamente complexo. Desde que é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido, evanescente, e por essa razão, faz grandes exigências técnicas de engenhosidade e energia do cientista (SKINNER, 2000, p, 16).

O item 2.2 “O ciúme” possibilita o entendimento de como essa emoção é entendida na análise do comportamento, e a diferenciação desse para algumas outras ciências. Há a busca pelo entendimento dos fatores que estão relacionados a essa emoção, como, em níveis filogenéticos, ontogenéticos, e os fatores culturais que influenciam diretamente na emissão desse comportamento.

Em seguida o item 2.3 “O amor” visa trazer brevemente, a visão da análise do comportamento sobre o amor, e a compreensão que este também existe em níveis e classificações, com influência de diversos fatores na própria idéia do amor, assim como na emissão do comportamento. Essa compreensão se torna necessária para introdução do próximo item do texto, 2.4 “O poliamor” um conceito que ainda é pouco estudado cientificamente, e que por outro lado, tem se mostrado mais freqüente tanto em sua prática, quanto em discussões teóricas e aparecimento na mídia. Trata-se de mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo, inclusive nas formas de se relacionar. Esse item busca a conceituação, na medida do possível, considerando que várias definições são possíveis dentro desse contexto. Considerando também, que grande parte dessas discussões acontecem dentro do ambiente virtual em grupos e comunidades de poliamor.

Todos esses itens anteriores buscam contextualizar a ideia proposta pela pesquisa, para compreender a relação do ciúme nas relações de poliamor, é necessário compreender quem é este grupo, o que é o ciúme, e como a teoria estudada entende esses dois fenômenos.

É importante também, compreender a prática do psicólogo em relação ao ciúme e sua intervenção na atuação clínica da psicologia nos relacionamentos amorosos. Pois essa é uma demanda muito freqüente para a psicologia, e se torna essencial o entendimento das novas configurações de relacionamentos da atualidade.

Há comportamento de enciumar-se em relacionamentos poliamorosos? Se sim, quais os possíveis manejos do mesmo?

Uma das hipóteses a ser considerada é que sim, existe ciúme dentro das relações poliamorosas, assim como em outras relações, em geral. Mas que este é um comportamento expresso e conseqüenciado de uma maneira diferente, visto que o próprio contexto de regras desses relacionamentos se difere de outros. Sendo assim, comportamentos de enciumar-se podem não ser reforçados da mesma forma que costuma ocorrer em outros modelos de relacionamentos. Um dos fatores que faz considerar esse aspecto, é que alguns poliamoristas trazem uma visão diferente do ciúme com o termo compensação, que é elucidado como a desconstrução do ciúme e será abordado no item 4.4. O surgimento de novos termos e novos significados para as relações que surgiram e foram melhor divulgados com os avanços tecnológicos, é um dos pontos a serem estudados nas relações de poliamor.

Para isso, foi necessário verificar se havia existência do comportamento de enciumar-se em relações de poliamor e como este pode afetar as relações, assim como analisar a partir do relato verbal dos sujeitos entrevistados como essa emoção é vista nas relações poliamorosas, investigando como se dá o possível manejo do ciúme nessas relações em prol de uma liberdade maior, de si mesmo e do outro. E por fim, analisar como o ciúme é visto a partir da análise do comportamento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E OS EVENTOS PRIVADOS

Há um equívoco, de maneira geral, muito comum, quanto ao objeto de estudo da Análise do Comportamento. Afirmações condizentes com o fato de ser esta, uma ciência que não estuda emoções, pensamentos, personalidade são muito frequentes devido aos rastros deixados pelo behaviorismo metodológico. Porém, esta ideia não corresponde a realidade do que se propõe, principalmente em se tratando do contexto atual (RICO; GOLFETO; HAMASAKI, 2012, p.89).

Inicialmente no behaviorismo, Watson em 1913 ao publicar artigos e apresentar uma visão da psicologia que se opõe a visão mentalista predominante, conhecida como a Psicologia do S → R, abandonou o estudo da introspecção, logo, não considerava a presença dos eventos privados. Acontecimento que trouxe consequências percebidas ainda hoje, e argumentadas erroneamente pelos críticos a análise do comportamento (ARDILA, 2013, MATOS, 1995). Essa ideia é sustentada também por Skinner quando afirma que:

Comportamentalistas metodológicos, assim como positivistas lógicos, argumentam que a ciência deve restringir-se a eventos passíveis de ser observados por duas ou mais pessoas; a veracidade de um fato depende da concordância. O que se pode ver através da introspecção não se qualifica como tal. Existe um mundo interno de sentimentos e estados da mente, mas ele está fora do alcance de uma segunda pessoa, e portanto, da ciência. Certamente, essa não é uma posição satisfatória. Como as pessoas se sentem é frequentemente tão importante como o que elas fazem (SKINNER, 2002, p.13).

Enquanto o behaviorismo metodológico assumiu essa posição, pode-se dizer que a análise do comportamento estuda “interações comportamento-ambiente, e não apenas o que o indivíduo faz, fala, pensa ou sente (...) essas condições precisam estar contextualizadas” (RICO; GOLFETO; HAMASAKI, 2012, p.89). Isso implica que, quando se diz que o objeto de estudo da análise do comportamento é a interação indivíduo-ambiente, considera-se como ambiente não apenas o que lhe é externo, mas também, tudo o que acontece por dentro (SKINNER, 1974).

Skinner ao criticar ideias do behaviorismo metodológico, postula a sua teoria, então, com influências da teoria da evolução de Charles Darwin ao propor o modelo de seleção por consequências (LAURENTI, 2009).

Na verdade, esse modelo explica a origem e evolução do comportamento seguindo uma estrutura chamada tríplice contingência, que especifica um conjunto de condições antecedentes, respostas e consequências. Nessa perspectiva, um novo comportamento é gerado quando, diante de condições específicas, respostas (variações) são selecionadas pelas consequências que produzem (LAURENTI, 2009, p. 252)

Sobre a relação da teoria de Darwin e a ciência do comportamento, Micheletto (2001, p. 117) acrescenta que “É a partir da proposição de operante (1935) que Skinner começa a apresentar relações entre a ciência do comportamento e a teoria da evolução por seleção natural, relações que se ampliam, no decorrer de sua obra [...]”

Em relação ao comportamento operante, este é definido como “aquele comportamento que produz consequências (modificações no ambiente) e é afetado por elas”, ou seja, tudo aquilo que não é inato, e sim aprendido (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 48).

A relação existente na tríplice contingência é a unidade de análise do comportamento, pois nenhum dos três termos tem valor por si só, por exemplo, não há estímulo discriminativo sem história de reforço (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 48). Logo, entende-se que o comportamento é selecionado pelas suas consequências. Essa seleção pode ser brevemente definida como:

O ambiente não apenas estimula ou sacode, ele seleciona. A sua função é semelhante à da seleção natural. Embora em tempos diferentes, tenha sido ignorado pela mesma razão. Agora é claro que devemos levar em conta o que o ambiente faz para um organismo não somente antes, mas depois que ele responde. Comportamento é modelado e mantido por suas consequências. Uma vez que este fato é reconhecido podemos formular a interação entre organismo e ambiente de forma muito mais abrangente (SKINNER, 1971, p. 23, tradução nossa).¹

Além disso, há uma relação entre a seleção por consequência e os eventos privados, no sentido de que “Na perspectiva behaviorista radical, as consequências do

¹The environment not only prods or lashes, it selects. Its role is similar to that in natural selection. Though on a very different time scale, and was overlooked for the same reason. It is now clear that we must take into account what the environment does to an organism not only before but after it responds. Behaviour is shaped and maintained by its consequences. Once this fact is recognized we can formulate the interaction between organism and environment in a much more comprehensive way.

comportamento têm dois efeitos sobre o indivíduo: alteraram a probabilidade do comportamento e produzem sentimentos” (LAURENTI, 2009, p. 263).

Em contraponto as explicações mentalistas, Skinner (2000, p.6) propõe que “se pudermos observar cuidadosamente o comportamento humano, de um ponto de vista objetivo e chegar a compreendê-lo pelo que é, poderemos ser capazes de adotar um curso mais sensato de ação”. Assim é possível pensar, também, em relação as emoções, pois este se trata de um fenômeno encoberto (privado ou interno), que não pode ser prontamente observado pelo outro. Em relação a esse aspecto, Skinner acrescenta:

O problema surge em parte do fato indiscutível da vida privada: uma pequena parte do universo está contida dentro da pele de cada um de nós. Seria tolice negar a existência desse mundo particular, mas também é tolo afirmar que porque é privado é de natureza diferente do mundo exterior. A diferença não está no material de que o mundo privado é composto, mas em sua acessibilidade (SKINNER, 1971, p. 186, tradução nossa).²

É inegável a relevância do estudo dos eventos privado ao estudar o comportamento humano, pois “Evidentemente, não pode haver dois indivíduos com a mesma história, de modo que indivíduos diferentes comportar-se-ão de modo diferente, mesmo que sejam expostos a situações idênticas” (ROSE, 1982, p. 70).

Para Skinner (2002, p.14) o “sentimento é uma ação sensorial”, pois se refere a condições do nosso corpo. Mesmo que não sejamos capaz de mostrá-lo ao outro com clareza, trata-se de um produto de contingências, independente do individuo estar atento ou não as variáveis que afetam o comportamento em questão. Segundo Guilhardi (2004, p.10) “A pessoa pode ficar sob controle do próprio comportamento e dos estados corporais, sem atentar para os aspectos do ambiente externo a ela, que produzem esses comportamentos e estados”.

Em relação ao sentir, Matos acrescenta:

[...] o termo “sentir” esta culturalmente tão subordinado a estados afetivos e/ou a conteúdos mentais – como sentir emoção, sentir dor, sentir alguma coisa –, que tenho a necessidade de clarificar dizendo “comportamento de sentir”. Mas isso não quer dizer que há um comportamento e um sentir, ou que

²The problem arises in part from the indisputable fact of privacy: a small part of the universe is enclosed within a human skin. It would be foolish to deny the existence of that private world, but it is also foolish to assert that because it is private it is of a different nature from the world outside. The difference is not in the stuff of which the private world is composed, but in its accessibility.

comportamento e sentir são fenômenos diversos. Sentir é um comportamento, uma maneira do organismo funcionar em determinadas condições, assim como correr é uma outra maneira dele funcionar, em outras condições (MATOS 1995, p. 6).

Entretanto, o que se diferencia na conceituação de sentimentos da análise do comportamento para explicações internalistas, é que estes não são atribuídos como causa inicial ou iniciadora, e sim como parte de uma relação de eventos que desencadearam essas sensações. Mesmo que essa atribuição seja frequente, pois, muitas das vezes, o que sentimos surge praticamente ao mesmo momento, que o próprio comportamento (SKINNER, 2002).

Habitou-se, na prática da comunidade verbal, a chamar de sentimento aquilo que é sentido no corpo (na verdade, seria mais preciso dizer "o que você sente é seu corpo se comportando"). Expressões tais como: "tenho sentimentos", "percebo meus sentimentos", "capto meus sentimentos" etc. substantivam e dão existência a um conceito inventado (sentimento). O que é meramente uma palavra, um produto da comunidade verbal, ganha outra natureza e passa a ser tratado como um evento psicológico a ser explicado e, ainda pior, com propriedades explicativas (ou causais) (GUILHARDI, 2007, p.2).

Em se tratando de sentimentos, Skinner afirma que "não podemos apresentar ou apontar uma dor, por exemplo. Ao contrário, inferimos a presença da dor através de alguma circunstância concomitante pública". Ou seja, os sentimentos são descritos e aprendidos pelo sujeito através da comunicação com o outro, no caso, o comportamento verbal (SKINNER, 2002, p. 15).

Entende-se que o comportamento verbal é "[...] portanto, comportamento operante e é mantido por conseqüências mediadas por um ouvinte que foi especialmente treinado pela comunidade verbal para operar como tal" (BARROS, 2003, p.74). O autor ainda acrescenta que "no caso do comportamento verbal, não há como defini-lo seguramente pela sua topografia. O importante é o efeito sobre o ouvinte, ou seja, os aspectos funcionais" (BARROS, 2003, p. 76).

É importante constatar o valor que este comportamento possui para espécie, quando o autor acrescenta que "o ouvinte pode adquirir conhecimento a partir do comportamento verbal de outros o que pode ser extremamente valioso ao permitir que se evite a exposição direta às contingências" (SKINNER, 1971, p. 185, tradução nossa)³.

³ As listeners we acquire a kind of knowledge from the verbal behaviour of others which may be extremely valuable in permitting us to avoid direct exposure to contingencies.

O mesmo autor ainda explica sobre a relação do comportamento verbal e a consciência, quando relata que:

A comunidade verbal é especializada em auto-descrever contingências. Pode-se perguntar por exemplo: O que você fez ontem? O que você está fazendo agora? O que você vai fazer amanhã? Porque você fez isso? Você realmente quer fazer isso? Como você se sente sobre isso? As respostas ajudam pessoas para ajustar um ao outro de forma eficaz. E é por causa dessas perguntas que são feitas que uma pessoa responde a ele mesmo e seu comportamento no modo especial chamado de conhecer ou estar consciente. Sem a ajuda de uma comunidade verbal todo o comportamento seria inconsciente. Consciência é um produto social. Ela não só não é o campo especial do homem autônomo, como não está dentro do alcance de um homem solitário (SKINNER, 1971. p. 187, tradução nossa)⁴.

Como ouvinte temos um acesso restrito a informação, de fato, que está sob controle do comportamento verbal do falante, e este se refere também, a forma que o indivíduo aprendeu a nomear seus sentimentos, pois o próprio relato do sujeito se trata de uma história de reforço. Somente o comportamento verbal não é capaz de fornecer total segurança para uma análise ampla de toda a história do sujeito, pois este é passível de ser manipulado e inclusive, de ter diversas interpretações para o ouvinte (informação verbal)⁵.

É necessário, então, que seja analisada toda a complexidade de um único indivíduo, considerando que há envolvido nessa história, fatores filogenéticos, ontogenéticos e culturais. Além do fato, de que é preciso levar em conta, que o indivíduo está em constante interação com o ambiente e em constante mudança. Por outro lado, se não conseguirmos identificar corretamente as variáveis da qual este comportamento é função, torna-se improvável a sua alteração (RICO; GOLFETO; HAMASAKI, 2012).

⁴ The verbal community specializes in self-descriptive contingencies. It asks such questions as: What did you do yesterday? What are you doing now? What will you do tomorrow? Why did you do that? Do you really want to do that? How do you feel about that? The answers help people to adjust to each other effectively. And it is because such questions are asked that a person responds to himself and his behaviour in the special way called knowing or being aware. Without the help of a verbal community all behaviour would be unconscious. Consciousness is a social product. It is not only not the special field of autonomous man, it is not within range of a solitary man.

⁵ Aula ministrada pelo Prof.º Felipe Pimentel no Instituto Interage de Vitória em 2015. (informação verbal)

2.2 O CIÚME

O ciúme é um tema ainda pouco abordado no Brasil em estudos da análise do comportamento, e muitas das vezes se limita apenas ao contexto clínico. É mais comum encontrar pesquisas que abordem o assunto de forma mais ampla, em relação ao behaviorismo, no exterior. Em geral, os estudos são mais freqüentes e aprofundados na visão cognitivista e na abordagem evolucionista (COSTA; BARROS, 2010). Por isso, a relevância de estudar essa questão pelo viés da abordagem da análise do comportamento, para que assim, seja possível obter um olhar mais amplo de um fenômeno comum nas relações interpessoais e que envolve diversos aspectos a serem elucidados nessa pesquisa. Há dificuldade em encontrar materiais que abordem profundamente a temática, apesar desta ser uma demanda bastante expressiva na atuação do psicólogo na clínica. Como as autoras retratam:

O comportamento de enciumar-se é uma queixa comum na Terapia Analítico Comportamental. Tal assunto faz-se relevante considerando que o ciúme permeia importantes questões ligadas à atividade do psicólogo, especialmente na terapia individual e de casais, na terapia infantil, na compreensão e intervenção diante da violência doméstica e até na atuação nas organizações (FERNANDES; TORRES, p. 10, [2000?])

O comportamento de enciumar-se é resultado de um conjunto de fatores, encarados, muitas vezes, com naturalidade e de maneira romântica pelas pessoas. É comum perceber entre casais de diferentes modelos de relacionamentos amorosos, atitudes que reforçam o comportamento ciumento, fortalecendo este padrão. A forma que este comportamento é expresso pode trazer como consequência sofrimento para ambos os parceiros, assim também como é possível dar origem a realidades de violência e crimes passionais, mantidos inclusive, por forte influência cultural.

Quando abordado o ciúme, apesar de se tratar de um tema amplo, essa pesquisa se refere exclusivamente ao ciúme expresso em um contexto amoroso, ou seja, o ciúme romântico. Considerando que “o ciúme pode ocorrer em qualquer tipo de relacionamento, mas está comumente relacionado aos relacionamentos amorosos”

(ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008, p. 83), e por não se tratar do objetivo dessa pesquisa, não será abordada a dimensão do ciúme patológico.

Apesar de ser um fenômeno comum nas relações humanas, esse sentimento pode ser visto como um problema em grande parte das ocasiões em que se apresenta. Também conhecido como “o monstro dos olhos verdes’ ou ‘a sombra do amor ‘. Várias emoções como raiva, medo e inveja estão conectadas ao ciúme” (DERMITAS-MADRAN, 2011, p. 154 tradução nossa).⁶

Ao falar sobre essa emoção, é possível encontrar diferentes pontos de vistas em termos de suas definições. Mas segundo os autores, é possível encontrar pontos em comum entre todas essas, que são: “[...] (1) é uma reação frente a uma ameaça percebida; (2) haver um rival real ou imaginário; e (3) a reação visa eliminar os riscos da perda da pessoa amada (ROSSET 2004 apud ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008, p. 85)”.

Em termos de definição analítico comportamental, o ciúme é visto como:

um sentimento que emerge em uma situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador para outro indivíduo, podendo envolver a emissão de respostas coercitivas que visam evitar esta perda e a produção de conseqüências reforçadoras e/ou punitivas para o comportamento dos indivíduos envolvidos em uma manifestação de ciúme (MENEZES; CASTRO, 2001 apud COSTA, 2005 p. 20).

Para os evolucionistas o ciúme é definido como “estado que é despertado por uma ameaça a um relacionamento de valor ou posição e motiva comportamento destinado a fazer face à ameaça. Ciúme é ‘sexual’ se o relacionamento sexual é valorizado”(DALY et al., 1982 apud BUSS, LARSEN, WESTEN; SEMMELROTH, 1992, p. 251, tradução nossa)⁷.

Teóricos evolucionistas trazem uma diferenciação do ciúme em duas categorias, o ciúme sexual e o ciúme emocional:

Ciúme sexual é experimentado como o resultado de informações ou suspeita de caso sexual de um parceiro com uma terceira pessoa. Ciúme emocional, por

⁶ Jealousy has often been referred to as “the green eyed-monster” or “the shadow of the love”. Several emotions like anger, fear and envy are connected to jealousy.

⁷ Jealousy is defined as an emotional “state that is aroused by a perceived threat to a valued relationship or position and motivates behavior aimed at countering the threat. Jealousy is ‘sexual’ if the valued relationship is sexual”.

outro lado, é o ciúme que surge por causa do conhecimento ou da suspeita sobre o envolvimento emocional de um parceiro com uma terceira pessoa (HARVEY et al., 2004 apud MADRAN, 2008, p. 2, tradução nossa)

A análise do comportamento entra em consenso com a teoria evolucionista quando se diz que o ciúme é uma emoção filogeneticamente determinada que possui valor de sobrevivência para a espécie, podendo ser benéfico ou prejudicial ao indivíduo e/ou ao outro. Em contrapartida, as teorias são discordantes quando se diz que o sentimento de ciúme é necessário às relações (COSTA, 2005).

Skinner afirma que:

As emoções produtivas e fortalecedoras, a alegria e o amor. Mas a tristeza e o ódio e as excitações de alta tensão como a cólera, o medo e a raiva — são perigosas. O Sr. Castle mencionou o ciúme como uma forma menor de ira. Creio que poderíamos chamar assim. Naturalmente, evitamos-lo. Já cumpriu seu papel na evolução humana; já não é necessário. Se permitíssemos a continuidade da sua existência, isso apenas solaparia a nossa vida. Em uma sociedade cooperativa não há ciúme, porque não há necessidade dele (SKINNER, 1977, p.105).

Outros autores também citam o ciúme como uma emoção negativa, como Sprecher (1985) apud Hatfield, Schmitz, Parpart e Weaver (1986, p.4, tradução nossa) que elaborou uma taxonomia das emoções importantes nas relações amorosas, classificando-as em duas categorias (Quadro 1):

Quadro 1 – Taxonomia das emoções importantes nas relações amorosas:

Emoções positivas	Emoções negativas
Prazer, amor, excitação sexual.	Raiva, ódio, ansiedade, depressão, medo, frustração, dor, vergonha, ciúme, solidão, ressentimento.

Fonte: Elaboração própria, baseada em Sprecher (1985) apud Hatfield, Schmitz, Parpart e Weaver (1986, p.4, tradução nossa).

Hatfield, Schmitz, Parpart e Weaver (1986, p.5, tradução nossa) em seu estudo sobre diferenças étnicas e de gênero nas emoções, trazem inicialmente alguns pontos de vistas relevantes de estudiosos da época, em relação ao contexto cultural:

alguns teóricos argumentam que existem diferenças entre os grupos étnicos sobre como as pessoas sentem. Eles alegam que os diferentes grupos étnicos possuem diferenças genéticas, estruturais ou hormonais que influenciam a frequência e a intensidade de sua experiência emocional. Ainda outros argumentam que diversos valores culturais moldam poderosamente a tendência das pessoas para experimentar ou expressar emoções fortes [ver Church(1986), Capuz (1973 e 1978), Frijda (1986), Lutz & White (1986), Marselha (1981), Pilkonis&Zimbardo (1979), e Sechrest (1969)].

De acordo com o estudo anterior e outros autores que realizaram pesquisas em diferentes lugares do mundo, é possível afirmar que a cultura exerce considerável influência sobre aspectos relacionados a esta emoção (MATSUMOTO, 1993).

É possível compreender, dessa forma, o aspecto cultural das emoções. Aprendemos a nomear nossos sentimentos através do comportamento verbal, pela interação com o meio, e expressamos através de comportamentos que também são influenciados pelo contexto social. Torna-se impossível, então, compreender o ciúme sem buscar informações da própria sociedade que o indivíduo está inserido, como todo o contexto que o cerca.

Para o autor, a única vantagem das emoções negativas, inclusive o ciúme, é que:

Podem proporcionar energias para enfrentar uma situação frustradora. O impulso e a energia assim gerados são uma vantagem. Com efeito, num mundo competitivo, as emoções funcionam às mil maravilhas. Veja a peculiar falta de sucesso do homem complacente. Gosta de uma vida mais serena, mas, por isso mesmo, provavelmente menos frutífera. O mundo não está preparado para o simples pacifismo ou a humildade cristã, para citar dois casos relevantes. Antes que se possa eliminar sem problemas as emoções destrutivas e perdulárias, deve-se estar seguro de que não são necessárias. (SKINNER, 1977, p. 105)

Quando Skinner diz sobre eliminar sentimentos potencialmente destrutivos, por exemplo, o ciúme, encontra-se duas dificuldades. Primeiramente, “o ciúme é reforçado em esquema intermitente; logo, a extinção do mesmo leva tempo para ocorrer” (MENEZES; CASTRO, 2001 apud COSTA, 2005, p.8). Em segundo lugar, ele é constantemente reforçado socialmente. Culturalmente atribui-se a associação do ciúme com o amor e proteção, logo, a diminuição de comportamentos ciumentos representaria a falta ou diminuição de sentimentos amorosos em relação ao outro. Essa afirmação é sustentada pelos estudos dos autores citados que constataram que “indivíduos que relatam ter menos ciúme são discriminados ou punidos” (PINES, ARONSO apud COSTA, 2005).

A associação do ciúme com o amor faz parte da comunidade verbal do sujeito, ainda pela lógica das relações causais aprendidas. Uma explicação como seria, por exemplo, “agredi verbalmente o meu parceiro porque senti ciúme”. Para a análise do comportamento essa afirmação não é verdadeira, pois é necessário identificar aquilo que antecede essa ação. Além do fato que, atribuir a causa ao sentimento, é uma

maneira de tirar a responsabilidade do indivíduo envolvido na questão. Logo, sentir ciúme, nesse caso, não se trata de um antecedente e sim de uma resposta. Diante de uma análise funcional das contingências constata-se que o ciúme é um comportamento manifesto em determinados momentos e que produz certas consequências para as relações.

Segundo Guilhardi:

As pessoas discriminam estados corporais (produzidos pela sua interação com eventos ambientais), nomeiam esses estados corporais de acordo com nomes de sentimentos aprendidos com sua comunidade verbal e, finalmente, atribuem às palavras assim aprendidas a função de causar comportamentos (GUILHARDI, 2002, p.1)

No senso comum as pessoas costumam fazer ainda, outra associação, como “sinto ciúme porque amo”. Justificando comportamentos de enciumar-se, que inclusive, podem trazer consequências prejudiciais ao indivíduo e ao outro, com o sentimento de amor. Torna-se então, importante lembrar que para a análise do comportamento o sentimento não causa comportamento, logo essa justificativa não se enquadra como coerente para tal abordagem da psicologia (SKINNER, 1991).

Skinner (1991, p. 103) ainda acrescenta que:

Esta é a posição behaviorista: volte aos eventos ambientais precedentes para explicar o que alguém faz e, ao mesmo tempo, o que essa pessoa sente enquanto faz alguma coisa. Para cada estado sentido e designado pelo nome de um sentimento, presumivelmente existe um evento ambiental anterior do qual esse estado é produto. A terapia comportamental se interessa mais pelo evento antecedente do que pelo sentimento (SKINNER, 1991, p. 103).

Logo, é de se esperar, que relações que possuem como objetivo manter o ciúme distante de sua realidade, sejam mal interpretadas e marginalizadas, por não fazer parte do contexto de regras esperado pela sociedade. Mas quais relações são essas? Como elas se configuram?

3.3 O AMOR

Antes de conceituar o poliamor, é importante trazer uma análise do que é o amor, a priori, para análise do comportamento. Skinner traz uma observação inicial sobre a ideia do que se trata o amor, ele afirma que dizer “eu te amo” é muito mais do que

interpretação básica que “você me reforça”, pois para o autor o que é reforçado não é o indivíduo e sim o comportamento que a pessoa emite (SKINNER, 2002, p.16). De acordo com a ideia do autor, torna-se possível pensar, assim, que uma análise do sentimento de amor vai muito além do que apenas a própria relação entre dois indivíduos, envolvendo a forma que esses se comportam, e a maneira que expressam este comportamento ao outro, através de comportamentos verbais e não verbais.

Sem dúvida, nós mudamos comportamento, uma vez que é mais provável que atuemos de maneiras reforçadoras quando acabamos de ser tratados dessas mesmas formas. Ação recíproca pode aumentar gradativamente, sem que isso envolva um contrato (nenhum dos parceiros diz “Eu vou amá-lo mais se você me amar mais”) (GUILHARDI, 2001, p. 7).

Ainda sobre o amor, Skinner acrescenta que:

Os gregos tinham três palavras para amor, e elas ainda são úteis. Psicólogos mentalistas podem tentar distingui-las, atentando para o sentimento do amor, mas pode-se aprender muito mais a partir das contingências relevantes da seleção, não só da seleção natural, como do reforçamento operante” (SKINNER, 2012, p.16).

Essas três palavras utilizadas pelos gregos são os três tipos de amor: Eros, philia e ágape. O mesmo autor traz o conceito dessas três áreas de acordo com a análise do comportamento:

Eros é usualmente empregada para significar amor sexual, sem dúvida em parte porque a palavra erótica é derivada dela. Essa é a parte do fazer amor que é derivada da seleção natural; nós a compartilhamos com outras espécies. [...] Philia refere-se a um tipo diferente de consequência reforçadora e, portanto, a um estado diferente a ser sentido e denominado amor[...] em relação a quem não temos nenhum interesse erótico. Agape deriva de uma palavra que significa ser bem-vindo [...] Ao demonstrar que estamos contentes quando uma pessoa se une a nós, nós reforçamos essa união. A direção do reforçamento é invertida. Não é o nosso comportamento mas o comportamento daquele que amamos que é reforçado. O efeito primeiro é sobre o grupo. Ao demonstrar que sentimos prazer pelo que outra pessoa fez, nós reforçamos o fazer, e assim fortalecemos o grupo (SKINNER, 2012, p. 17).

Segundo Guilhardi (2015) amor possui níveis, o filogenético, ontogenético e cultural e é a interação entre eles que faz com que as pessoas se diferenciem em relação ao seu sentimento de amor e na escolha de um parceiro. O nível filogenético se refere a comportamentos e sentimentos próprios da espécie, ou seja, é expresso pelo organismo sem a necessidade de aprendizado. O nível ontogenético, diferente do anterior, se refere a história de contingência de reforçamento, nesse sentido não seria possível encontrar duas pessoas que sejam idênticas, inclusive em sua forma de expressar o amor. Por último, o terceiro nível, cultural, que tem como sua principal

resultado a sobrevivência do grupo social. Nesse sentido, o amor é resultado de “três níveis de seleção descritos, que interagem entre si e se influenciam reciprocamente numa espiral virtuosa. O amor se define, então, pela composição interativa e harmoniosa do Eros, com a Philia e a Ágape” (GUILHARDI, 2015, p.14).

Quando analisamos um comportamento pelos três níveis de seleção, temos que nenhuma conduta deve ser vista como “anormal” considerando que são produto de variação e seleção como qualquer outro, e são selecionados pelas suas conseqüências (informação verbal) ⁸.

Nesse sentido, pode-se notar que diversas formas de expressões de comportamento são possíveis, e se amor é comportamento, logo, diversas formas de amar podem ser expressas.

O amor é um termo utilizado para nomear um grupo de sentimentos, ações e pensamentos, que apesar de estarem relacionados, variam bastante de pessoa para pessoa, o que demonstra que os seres humanos amam de formas diferentes. Isso pode gerar problemas, pois ao se apaixonar por alguém com um estilo de amor diferente do seu, pode-se inferir erroneamente que a outra pessoa não te ama, já que não age da mesma forma que você (MAURO; CIPOLA; GIMENEZ, 2000, p.2).

É possível compreender, então, que não há uma única forma de amar. A própria ideia de amor é fruto de uma relação de contingências e história de reforçadores.

Nesse trabalho, por se tratar de uma modalidade de amor que se difere do padrão, torna ainda mais importante o estudo à nível cultural, e como este fator influencia na escolha das relações amorosas e na forma que essas são vistas pela sociedade.

3.4 O POLIAMOR

Uma maneira mais eficaz de entender o poliamor, é através dos próprios questionamentos que o grupo traz em relação a preconceitos existentes em nossa sociedade que buscam padronizar inclusive, as formas de se relacionar amorosamente, e estigmatizando todas as outras inúmeras possibilidades de expressar e vivenciar experiências de amor. Por que outros modelos de relacionamentos (não monogâmicos,

⁸ Conferência ministrada pela Psicóloga Fátima Tomé no 3º Encontro Brasileiro de AC e TCC – Com casal e família: relacionamentos amorosos em São Paulo, 2015.

homoafetivos, entre outros), muitas das vezes, não são socialmente aceitáveis? A influência da cultura, mais especificamente, da religião, se torna relevante nessa questão, como afirma o autor:

Quando se pensa na relação entre o cristianismo e sexualidade, aludir-se a uma rede interminável de proibições inscritas no mais severo código de repressão sexual já inventado no Ocidente. [...] É ainda comum a concepção desse modelo como um todo homogêneo e coerente, por muitos denominados de moral judaico-cristã, caracterizada basicamente pela apologia do casamento monogâmico e indissolúvel e pela condenação do desejo e do prazer (VAINFAS, 1986, p.5).

Outros questionamentos como “Por que o amor deve ser exclusivo a um único parceiro(a)?”, “Não seria possível amar mais de uma pessoa?” são relevantes para entender a conceituação e a prática poliamorista.

De acordo com Freire (2012), o poliamor ganhou maior visibilidade na década de 90 nos Estados Unidos, como uma das possibilidades não monogâmicas e consensual de se relacionar amorosamente. O termo vem de “uma combinação do grego [poli (vários ou muitos)] e do latim (amor)” (FREIRE, 2012, p.2)

Surge em 1990, no contexto da Igreja de Todos os Mundos 20, a noção de poliamor na sua vertente espiritualista e pagã. Morning Glory Zell-Ravenheart publicou, [...] um artigo chamado “A Bouquet of Lovers”, em Maio de 1990. Nesse artigo, constava uma nova palavra: “poly-amorous”: um adjectivo que se referia a pessoas que tivessem relações amorosas e sexuais com mais do que uma pessoa simultaneamente, ou que o quisessem fazer, e que reconhecessem o direito de outros o fazerem (CARDOSO, 2010, p. 10).

Apesar do aparecimento da ideologia em outros países “No Brasil, ainda que de modo discreto, o poliamor começa a ganhar visibilidade na última década; não apenas nas redes sociais, mas também no âmbito jurídico” (FREIRE, 2013).

Uma das definições mais ampla sobre o que representa o poliamor é a da autora Anapol (2010):

Eu uso a palavra poliamor para descrever toda a gama de forma de amar que surgem a partir de uma compreensão de que o amor não pode ser forçado ou impedido de fluir em qualquer direção particular [...] (ANAPOL, 2010, p. 23)⁹.

Apesar de ser um tema com pouco material específico no momento, há um grande interesse de pesquisadores em explorar essa área, buscando desconstruir,

⁹ I use the word polyamory to describe the whole range of lovestyles that arise from an understanding that love cannot be forced to flow or be prevented from flowing in any particular direction.

principalmente, conceitos que estão enraizados em nossa sociedade atual, trazendo novas possibilidades/configurações de amar e questionando a monogamia como uma imposição. Mas ainda se trata de um modelo que tem se moldado aos poucos e aparecido principalmente a partir de discussões em fóruns e grupos virtuais.

Segundo Lins (2007) as redes sociais como www.polyamory.org, www.polyamory.com, www.poliadores.blogspot.com e comunidades virtuais tem sido uma forte influência para maior exibição e discussão do tema, considerando que as pessoas não costumam questionar, com frequência, a monogamia, como uma forma imposta culturalmente de se relacionar. Existe também uma organização chamada Polyamory Society que fornece o apoio as pessoas e famílias que se identificam e fazem parte desse contexto. Para muitas pessoas, é como abrir os olhos pela primeira vez, para um fenômeno que é tão enraizado, que se configura como a única opção viável de se relacionar amorosamente. Por outro lado, “os poliamoristas advertem que essa prática amorosa é uma escolha, assim como é a monogamia, e traz consigo tantos ou mais desafios” (LINS, 2007, p. 402).

Duas pessoas quando começam a se relacionar, dificilmente questionam ou sequer sabem que existem outras possibilidades de manter uma relação, senão monogâmica. Esse ainda é um tabu para a sociedade (assim como muitos outros relacionados a sexualidade) que em grande parte se encontra pouco aberta a compreender e aceitar padrões diferentes dos que já estão, de fato, estabelecidos socialmente e reforçados diariamente em nossa cultura. O poliamor enquanto uma prática alternativa e crítica aos padrões de comportamentos mantidos pela mesma, pode ser associado ao conceito de contracontrole da análise do comportamento. Em sua definição, pode ser compreendido como:

Este talvez seja o efeito colateral do controle aversivo mais indesejado. No contracontrole, o organismo controlado emite uma nova resposta que impede que o agente controlador mantenha o controle sobre o seu comportamento. No caso da punição, garante-se que o comportamento punido continue a ocorrer sem entrar em contato com ela (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 78)

Skinner desenvolve sobre o termo agência de controle, e em suas publicações explica sobre cinco dessas agências: “governo, religião, psicoterapia, economia e educação” (SKINNER, 2000, p.365). Nesse trabalho não caberia descrever todas com

profundidade, mas é importante que se considere estas possuem um efeito sob o indivíduo. Um exemplo mais claro de contracontrole seria, por exemplo “o controlado religioso simplesmente pode deixar a esfera de controle da agência, pode questionar a realidade das contingências alegadas, pode atacar a agência estabelecendo uma agência rival, e assim por diante” (SKINNER, 2000, p. 390). Como de fato, acontece no contexto do poliamor, como um grupo que questiona ideias impostas pela religião e constrói diferentes repertórios a partir de um outro contexto de regras.

A cultura apresenta mecanismos controladores e modeladores dos comportamentos, inclusive sexuais, para que sejam o mais pasteurizados possíveis, facilitando o controle. O terceiro nível de seleção valoriza relacionamentos regrados pela cultura, casamentos, monogamia, formação de família. Este nível não é favorável às expressões desenvolvidas através do nível ontogenético (informação verbal).¹⁰ Ou seja, este pode não ser favorável a variabilidade de formas de se relacionar que indivíduos constroem nas suas relações.

Nesse aspecto, os poliamoristas se dispõem a questionar essas agências, no sentido de que outras práticas sejam possíveis além das previstas pelo contexto religioso e político no Ocidente. Entende-se que o poliamor pode ser visto como “[...] uma ‘narrativa sexual emergente, que tem que contender com a mono-normatividade associada à hetero-normatividade vigente’ (RITCHIE; BARKER, 2006, p. 584 apud CARDOSO).

Sobre os fundamentos da sua prática, existem quatro ideias principais que constituem a ideia do poliamor. A primeira delas é a liberdade, no sentido do indivíduo desvendar a sua própria autonomia se libertando de ideias repressivas, por exemplo, rompendo com imposição da monogamia. Em segundo lugar, a igualdade, nesse aspecto, a liberdade e os acordos dentro da relação devem servir para todos os envolvidos. Este é um dos fatores que diferencia o poliamor da poligamia. Considerando esses dois aspectos o poliamor democratizaria a questão da monogamia como instrumento de dominação nas relações. A terceira é a questão da honestidade, nesse aspecto é importante que todas as questões da relação sejam conversadas. Alguns poliamoristas ainda criticam a

¹⁰ Mini curso ministrado pelo Prof. Oswaldo Rodrigues (Instituto Paulista de Sexualidade de São Paulo) no Congresso Brasileiro de Psicologia e Medicina Comportamental em 2015.

monogamia nesse ponto, pois dentro das relações monogâmicas existe em muitos casos, o desejo por outros parceiros e inclusive casos extraconjugais, dessa forma os monogâmicos viveriam sobre a regra da monogamia, mas não a cumpririam, de fato. A quarta questão é o amor, um dos pilares fundamentais e que irá diferenciar o poliamor de outras relações não monogâmicas, a possibilidade de amar mais de uma pessoa (informação verbal).¹¹

A ênfase no amor, geralmente, vem acompanhada pela diminuição da ênfase na sexualidade. [...] apesar de o sexo ser importante, ter muitas relações sexuais não é o objetivo dos poliamorosos. Muitos até chegam a ter menos parceiros sexuais do que pessoas que dizem praticar a monogamia. Esta valorização da possibilidade de se manter relacionamentos intensamente íntimos demanda que se acorde explicitamente sobre não-exclusividade; abrindo, assim, a possibilidade de se realizar todos os diferentes potenciais de um relacionamento (CUNHA; FÉRES-CARNEIRO, 2009, p.9).

É importante constatar algumas diferenças básicas no leque das relações não monogâmicas, no qual se enquadram diversas definições possíveis. Algumas dessas são:

Quadro 2 – Modelos de relações não monogâmicas

Poligamia/poliandria: arranjo afeito associado a assimetria de gênero, mantendo uma relação convivente com a submissão de parceiros(as) sobre outro, onde apenas um tem a possibilidade de múltiplos relacionamentos;

Poliamor: possibilidade de relacionamentos afetivos e/ou sexuais consensuais e simultâneos. Associado fortemente a igualdade de gênero, a quebra de valores heteronormativos;

Relacionamento aberto: modelo onde o casal estabelece a possibilidade dos mesmos se relacionarem sexualmente com outros parceiros (as). Mas geralmente, só há um amor possível, em uma lógica hierárquica das relações;

Swing: se refere a uma prática sexual em momentos específicos, geralmente um casal inclui outro(s) parceiro(s) em um contexto que existem regras pré-estabelecidas. Não admite envolvimento afetivo com outros parceiros;

Amor livre: surgiu nas décadas de 60 e 70, nos tempos de Woodstock Music and Art Fair, atrelado ao movimento anarquista. Possui forte envolvimento em pautas políticas. Rejeita a influência do Estado nas relações amorosas;

Fonte: elaboração própria, baseada em (PILÃO, 2012; WEID, 2010; ZALCBURG, 2011).

Quanto a definição dos próprios indivíduos como poliamoristas, há diversos pontos de vista. De acordo Cardoso:

¹¹ Apresentação online ministrada por Antônio Cordeiro Pilão no XI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana no ano de 2015. (informação verbal)

Algumas das definições pressupõem que é necessário estar numa relação para que se possa ser considerado poliamoroso, outras reconhecem que basta apenas querer fazê-lo para que se caia na definição de pessoa poliamorosa (CARDOSO, 2010, p. 6).

É possível perceber, dessa forma, que há diversos pontos, e alguns deles até divergentes, relacionados à própria definição do conceito. Dentro de sua prática também é possível encontrar diversos caminhos possíveis de se relacionar.

Ao falar sobre a possibilidade de um indivíduo ter várias relações, torna importante estudar como essas podem ser caracterizadas. No poliamor existem diversas modelos de configurações de relacionamentos, geralmente são representadas em polígonos, e algumas delas (mais comuns) são:

Quadro 3 – Algumas possibilidades de configurações dos relacionamentos poliamorosos

Triângulo	Quando há um trio, onde todos se relacionam, também conhecido como trisal;
V	Quando uma pessoa possui dois relacionamentos onde seus parceiros não se relacionam;
T	Quando um casal agrega uma terceira pessoa a relação, mas possuem um envolvimento mais forte entre os dois;
Quarteto	Composto por quatro membros na relação;
N	Dois homens e duas mulheres e apenas
Mono/Poli	Quando um dos parceiros é poliamorista e o outro é monogâmico. O poliamorista mantém relacionamentos paralelos enquanto o monogâmico, por opção, tem só um parceiro.

Fonte: elaboração própria, baseada em (PILÃO, 2012).

É importante constatar, que existem outras possibilidades de configurações não abordadas nesse trabalho, o que torna possível que as pessoas vivam suas relações de maneira que seja confortável para todos os parceiros envolvidos.

Nesse recorte de possibilidades de se relacionar, existem também pessoas que praticam o que é chamado de polifidelidade, comum nas relações em grupo (trio, quarteto, entre outros), onde os parceiros se relacionam apenas com as pessoas que fazem parte daquele determinado grupo, como uma relação em trio, quatro ou mais pessoas. Esse conceito é muito criticado no Brasil e tende a ser visto negativamente pelos próprios poliamoristas a medida que seria conflitante com um dos pilares do

poliamor, no caso, a liberdade e a desconstrução da monogamia (informação verbal)¹². Dessa maneira, é possível compreender, assim, que pluralidade dessa prática e suas possibilidades de inserção, é um fator que dificulta a própria definição do conceito, que pode sugerir inclusive a uma dúvida pessoal sobre estar ou não inserido no grupo de pessoas que praticam o poliamor.

Outro ponto importante a ser pautado, é em relação a idéia da monogamia nesse contexto. O autor acrescenta que “A relação entre poliamor e monogamia é uma de tensão, mas também de (possível) coexistência. [...] Antes de esta palavra ter sido inventada, o único termo que parecia ser comumente usado era “não-monogamia” (CARDOSO, 2010, p. 7).

O mesmo autor ainda acrescenta que:

[...] o poliamor não é ainda uma identidade ou prática vastamente difundida, alguém que se identifique como poliamoroso terá certamente que o fazer de forma consciente, terá de optar por essa identidade. Porém, escolher esta identidade é escolher uma de entre várias alternativas. Não deixa de haver uma certa ironia no facto de o poliamor envolver a escolha da não-escolha – uma das bases desta identidade é a recusa de terminar uma relação apenas porque surge o interesse noutra/s pessoa/s, já que se define que a pessoa em questão não precisa de escolher uma relação em detrimento de outra (CARDOSO, 2010, p.8).

A partir do ponto de vista do autor, é possível compreender que o poliamor corresponde apenas a mais uma possibilidade, assim como outras citadas nessa pesquisa, e que não necessariamente se mostra como uma prática mais ou menos viável que as outras modalidades de relacionamentos. A exposição do tema busca mostrar que existem alternativas, e que não são todas as pessoas que vão se adequar ao mesmo modelo, considerando o fato de que cada indivíduo possui uma história de vida diferente da outra.

Sobre a monogamia é necessário fazer algumas considerações, por ser uma discussão freqüente dentro do grupo estudado, embora não seja o objetivo principal da pesquisa aprofundar exclusivamente nessa questão, que por si só, é muito complexa e há diversas variáveis envolvidas. Dessa forma, é elucidado apenas aspectos básicos para a melhor compreensão do tema.

¹²Apresentação online ministrada por Antônio Cordeiro Pilão no XI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana no ano de 2015. (informação verbal)

Segundo os autores, há algumas décadas, qualquer estudo relacionado ao questionamento da monogamia como padrão seria no mínimo desnecessário, visto que acreditava-se que muitas das espécies eram, de fato, naturalmente - biologicamente dizendo - monogâmicas. Inclusive a espécie humana. A partir do avanço da ciência e do uso da impressão digital de DNA foi possível perceber que muitas espécies que eram consideradas monógamas, praticavam o que é chamado de cópula extrapar, ou seja, mantinham relações sexuais com outros parceiros. Essa descoberta possibilitou que diversos outros estudos fossem melhor explorados nesse sentido, provando que a monogamia não é um padrão natural em muitas espécies, inclusive em relação aos humanos. Nesse sentido, os autores ainda acrescentam que seria surpreendente uma pesquisa que mostrasse evidências de uma espécie realmente monógama, diferente do pensamento que predominava no passado, em que a questão não era nem mesmo questionada (BARASH; LIPTON, 2002).

Essa idéia também é expressa pela autora:

[...] enquanto a monogamia é uma opção maravilhosa para algumas pessoas, algumas das vezes, não é a única possibilidade válida. A realidade é que os seres humanos não são naturalmente monogâmicos. Se fôssemos, teríamos de acasalar uma vez, para a vida, e nunca mais nem em um momento, considerar fazer qualquer outra coisa (ANAPOL, 2010, p.41, tradução nossa).¹³

Se a monogamia não é natural, existem outros fatores que de fato influenciam para que a idéia seja mantida, ou ao menos que seja algo socialmente desejável que aconteça. Em relação a monogamia enquanto um contexto de regra, e inclusive como agência de controle, pode-se entender que:

A monogamia foi prescrita para a maioria de nós pela sociedade americana e pela tradição ocidental de modo geral, as regras são oficialmente bem claras. Devemos conduzir nossa vida romântica e sexual em pares exclusivos, no campo matrimonial designado. [...] Para algumas pessoas monogamia e moralidade são sinônimos. O casamento é a sanção definitiva e desviar-se da monogamia conjugal é pecado interpessoal definitivo. Nas palavras ácidas de George Bernard Shaw: 'A moralidade consiste em suspeitar de quem não é legalmente casado'"(BARASH; LIPTON, 2002, p. 13).

¹³ [...] while monogamy is a wonderful option for some people some of the time, it's not the only valid possibility. The reality is that humans are not naturally monogamous. If we were, we would mate once, for life, and never for a moment consider doing anything else

Em relação a ideia retratada pelo autor, é possível associar a monogamia também, com o contexto religioso, que irá filtrar determinados comportamentos desejáveis e julgar todo aquele que não corresponde a sua ideologia, ou seja, designar que determinadas práticas como “pecado”/ímorais. Exercendo assim, o seu papel coercitivo como agências controladoras.

A crítica poliamorista é justamente em relação a esse contexto da monogamia “[...] exigida como condição para o amor ou executada por códigos legais, restrições religiosas, condições financeiras ou pressão social [...]” (ANAPOL, 2012, p. 19)¹⁴.

É possível compreender de acordo com os autores citados, que existem diversos fatores associados aos conceitos de coerção e de agência de controle, em relação a monogamia e outros fatores relacionados a ela. Nesse sentido, é possível pensar que tal comportamento pode ocasionar, por outro lado, um sentimento de inadequação e culpa. Definido por Guilhardi como:

A “culpa” envolve uma comunidade poderosa (governo, sistema judiciário, professores, pais etc.) que julga (categoriza) um determinado comportamento como ilegal (inadequado) e o condena de acordo com a lei ou as regras do grupo social (pune-o). O hábito verbal da comunidade – impregnado de dualismo mentalista – desvia o enfoque do comportamento e considera a pessoa culpada. A metáfora parece clara: a comunidade verbal estabelece contingências de reforçamento tais, que quando a pessoa (1) emite um comportamento aversivo para a comunidade, (2) os membros desta, sob tal controle aversivo, categorizam o comportamento do indivíduo como “inadequado” e o conseqüenciam, emitindo comportamentos funcionalmente aversivos para o indivíduo (GUILHARDI, p. 176, 2002)

Inclusive, percebe-se que dos desafios que pode ser visto ao assumir publicamente uma relação de poliamor está no fato de como as pessoas vão receber essa ideia e agir diante disso.

Outro desafio que é notado, e um dos mais discutido, de forma geral, é a questão do ciúme no contexto das relações do poliamor. Vive-se de acordo com padrões e regras estabelecidas, comportar-se diferente destes, é um desafio em si, em termos de novos repertórios. Entretanto, não seria algo diferente ao falar do ciúme. Praticar uma constante desconstrução de conceitos se torna um dos pontos essenciais nesse processo.

¹⁴ [...] demanded as a condition for love or enforced by legal codes, religious strictures, financial considerations, or social pressure [...]

O termo compersão tem sido discutido atualmente, apesar de ainda encontrar poucos estudos realizados sobre este assunto. Não se trata de um conceito teórico, e sim temático, e que ainda está em definição. “No contexto do poliamor as pessoas tendem a ver o ciúme como algo a ser dominado, em vez de se deixar dominar por ele. Elas estão dispostas a lidar com isso, falar sobre isso e analisar as suas causas e ver o que podem aprender com ele” (FREIRE, 2013, p.115).

De acordo com Anapol (2010) em seu livro *Polyamory in the 21st Century: Love and Intimacy with Multiple Partners* a origem desse termo e a sua definição seria:

Compersão é uma palavra criada pela Kerista Community para descrever uma emoção que é o oposto do ciúme. Compersão é uma forma de sentir alegria e prazer quando os próprios amores é amado ou está para ser amado por outros. Compersão é especialmente forte e acessível quando todos os parceiros tem sentimento de amor um pelo outro, mas isso não é uma condição prévia necessária (ANAPOL, 2010, p. 298, tradução nossa)¹⁵.

Ainda sobre a definição, o autor define que a compersão “é considerado um “novo” sentimento, oposto ao ciúme e fruto de um movimento de superação do sentimento de posse, a partir da aceitação da liberdade de amar do(s) parceiro(s)” (PILÃO, 2015, p. 411).

É possível compreender, então, que para ser compersivo, é necessário retirar a lógica competitiva das relações e pensar que as relações não competem e sim cooperam (informação verbal).¹⁶

Essa definição é a que mais se aproxima da forma que Skinner descreve o ciúme, quando o autor relata que “em uma sociedade cooperativa não há ciúme, porque não há necessidade dele” (SKINNER, 1977, p.105).

Dessa forma, é possível perceber que nessas relações, aparece uma diferente visão do ciúme, em relação as explicações mentalistas que costumam ser atribuídas como causa do comportamento. Esse fator torna ainda mais importante a realização de um

¹⁵Compersion is a word created by the Kerista Community to describe an emotion that is the opposite of jealousy. Compersion means to feel joy and delight when one’s beloved loves or is being loved by another. Compersion is especially strong and accessible when all the people involved have feelings of love for each other, but that’s not a necessary precondition.

¹⁶ Apresentação online ministrada por Antônio Cordeiro Pilão no XI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana no ano de 2015. (informação verbal)

estudo que aprofunde sobre temas que ainda não são freqüentemente discutidos dentro da psicologia. Para isso, foi realizado um estudo de caso, que busca investigar, inclusive, qual a percepção dos poliamoristas sobre o ciúme e a compersão, exibido nos próximos tópicos.

3 METODOLOGIA

De acordo com Gil, o método é uma etapa que necessita de muita atenção para que a pesquisa possa se tornar viável. O autor afirma que “Pode-se definir método como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento (GIL, 2008, p.8).

Outros autores ainda acrescentam que “A Metodologia tem como função mostrar a você como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, ajudá-lo a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 9). Percebe-se então, que é a escolha e a elaboração de um método que guiará a um resultado satisfatório.

3.1 TIPO DE PESQUISA

O método utilizado na pesquisa é o monográfico, pois, de acordo com Gil:

O método monográfico parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. Esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades etc (GIL, 2008, p. 18).

Considerando que a pesquisa visa estudar um fenômeno em relação a um grupo específico, este método é o que melhor se adapta aos objetivos propostos. Pois estudando profundamente e detalhadamente este grupo, é possível encontrar resultados amplos e fidedignos para serem analisados.

Refere-se a um estudo de caso:

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados (GIL, 2008, p.58)

O mesmo autor afirma que as vantagens do estudo de caso são:

a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2008, p.58).

Mais especificamente, trata-se de um "estudo de caso coletivo é aquele cujo propósito é o de estudar características de uma população. Eles são selecionados que se acredita que, por meio deles, torna-se possível aprimorar o conhecimento a cerca do universo a que pertencem" (GIL, 2002, p. 139).

Como se trata de um fenômeno pouco estudado atualmente, a pesquisa é de caráter exploratório. Isso indica que, de acordo com Gil:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas (GIL, 2008, p.27).

Existem poucos estudos sobre o ciúme na análise do comportamento, mesmo que seja algo frequente nas relações e nos consultórios de psicologia. Há ainda menos pesquisas que estudam o ciúme no contexto de relações poliamorosas, logo, a pesquisa deve ser exploratória, para buscar através dos devidos instrumentos os resultados ao que se propõe questionar.

A pesquisa é de caráter qualitativo, pois:

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20)

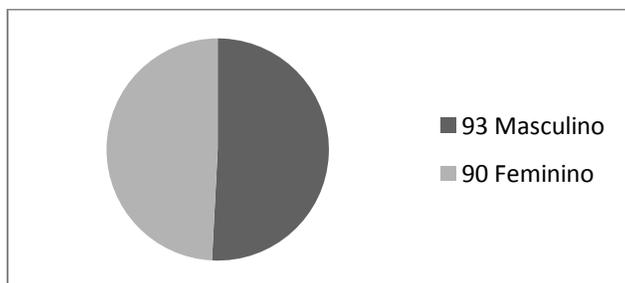
3.2 CAMPO DE ESTUDO

O campo de estudo é a análise do comportamento, pois essa é uma ciência que visa estudar a relação do organismo com o ambiente, considerando questões filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Considerando que todas elas são essenciais para se compreender o sentimento de ciúme e como ele se insere em um contexto social, no caso, nas relações de poliamor.

3.3 PARTICIPANTES

A seleção de sujeitos é uma fase da pesquisa que necessita de muito cuidado ao ser realizada, pois "A delimitação da unidade-caso não constitui tarefa simples. É difícil traçar os limites de um objeto. A totalidade de um objeto, seja ele físico, biológico ou social, é uma construção intelectual" (GIL, 2002, p.138). Foram entrevistadas 7 pessoas que estão ou já estiveram em relacionamentos poliamorosos, de ambos os sexos, com idade de 19 a 31 anos, residentes do estado do Espírito Santo. Esses participantes se disponibilizaram a partir de uma postagem (Apêndice C) em um grupo regional de uma rede social que conta atualmente com 183 pessoas adeptas e/ou interessadas no tema poliamor. Outros foram indicados pelos próprios entrevistados e demonstraram interesse na pesquisa. A seleção foi feita a partir daqueles que demonstraram interesse em participar da pesquisa, informados anteriormente a partir de uma mensagem (Apêndice C) sobre os critérios considerados.

Gráfico 1 – Levantamento dos membros do grupo por sexo



Fonte: Elaboração própria

3.4 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Após a seleção dos participantes, eles tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que permitiu o participante de estar ciente as condições da pesquisa que foi realizada, assim como o sigilo das informações emitidas por eles. Os dados foram coletados através de entrevistas com perguntas dirigidas aos sete participantes, estas foram realizadas pessoalmente, e gravadas com a autorização dos participantes.

Como complemento foi aproveitado também os encontros que o grupo estudado realizou na região do Espírito Santo chamados poliencontros, ambiente que são discutidas dúvidas e utilizado para compartilhar conhecimentos sobre o tema, como um todo. Os grupos virtuais de Poliamor em si auxiliaram para que essa pesquisa possa ser realizada, facilitando o contato com os membros e possibilitando um ambiente com discussões e diversos relatos e opiniões utilizados para a pesquisa. No contato inicial houve a apresentação, e foi explicado o tema da pesquisa fornecendo uma maior segurança aos envolvidos.

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas (Apêndice A) formuladas com 13 perguntas abertas aos sujeitos participantes da pesquisa.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p. 109).

Esse procedimento se adequa a pesquisa pois ela se refere a algo que os indivíduos sentem, logo, a única forma de ter acesso a essa informação é através do comportamento verbal e da interação com os sujeitos.

"A entrevista focalizada é tão livre quanto a anterior; todavia, enfoca um tema bem específico. O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada" (GIL, 2008, p. 112).

Foi considerado pontos para a escolha desse instrumento, pois a entrevista oferece algumas vantagens para esse tipo de estudo, por exemplo:

[...]a) a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; b) a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; c) os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação [...]a) não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever; b) possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado; c) oferece flexibilidade

muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista; d) possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas (GIL, 2008, p.110)

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Nesta pesquisa foram seguidas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do CONEP, órgão do Conselho Nacional de Saúde, estabelecidas na Resolução 196/96 de 10/10/1996, entre os quais as garantidas de participação livre e esclarecida, de anonimato e de sigilo quanto ao uso das informações prestadas. O procedimento para ter o consentimento dos participantes será o uso do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), e todo o processo da pesquisa esteve de acordo com as informações que constam nesse termo (Anexo A), assim como os aspectos éticos de pesquisas com seres humanos. Todos esses fatos foram explicados antes da realização do procedimento de coleta de dados, para que seja iniciado apenas após o momento que os participantes compreenderem que é proposto e seus direitos em relação a pesquisa, por exemplo, de a qualquer momento poder se retirar, caso se sinta desconfortável.

3.7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Segundo Gil:

Após a coleta de dados, a fase seguinte da pesquisa é a análise e interpretação. Estes dois processos, apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 2008, p. 156).

O procedimento de análise utilizado foi a interpretação de dados, pois permite um estudo mais amplo para os dados analisados, com o auxílio da teoria escolhida para a pesquisa (GIL, 2008).

Para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e o dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas. Daí a importância da revisão da literatura, ainda na etapa do planejamento da pesquisa (GIL, 2008, p.178).

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, essa é a melhor forma de análise para chegar aos objetivos propostos.

O conteúdo será analisado a partir da teoria da análise do comportamento que de acordo com Skinner (2012) visa estudar a interação do organismo que se comporta com o ambiente, assim como fatores envolvidos em todo esse processo, as relações amorosas e o ciúme fazem parte desse contexto.

Estamos interessados, então nas causas do comportamento humano. Queremos saber porque o homem se comporta da maneira como o fazem. Qualquer condição ou evento que tenha algum efeito demonstrável sobre o comportamento deve ser considerado. Descobrimo e analisando estas causas poderemos prever o comportamento; poderemos controlar o comportamento na medida que possamos manipular (SKINNER, 2000, p.24)

Foi utilizado mais especificamente o modelo da tríplice contingência na análise do ciúme relatado. Esse esquema possibilita ter acesso as variáveis envolvidas na situação relatada pelos entrevistados, mesmo que esse acesso seja restrito pois se trata apenas do relato verbal do sujeito, e em um período curto de tempo. A tríplice contingência é composta por três termos:

O (ocasião ou antecedente) representa a ocasião; **R** a resposta; **C** a consequência do comportamento. A ocasião pode se configurar em um estímulo discriminativo ou estímulo delta [...] A resposta diz respeito a topografia da resposta (isto é, sua forma), e a consequência pode ser reforçadora, punitiva ou apenas não ter consequência (isto é, extinção) (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 99).

Ou seja, a tríplice contingência possibilita que o relato seja organizado de forma a conter: fatores que antecedem o comportamento de enciumar-se, a forma que o organismo responde a essa situação, ou seja, a maneira que ele se comporta. E por último, as consequências que interferem na probabilidade do comportamento emitido acontecer ou não, novamente. Esse último termo exerce uma função importante, no sentido de que:

A consequência de nossos comportamentos vão influenciar suas ocorrências futuras. Dizer que as consequências dos comportamentos chega a afetá-los é o mesmo que dizer que as consequências determinarão, em algum grau, se os comportamentos que as produziram ocorrerão ou não outra vez, ou se

ocorrerão em maior ou menos freqüência (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 48).

Essa abordagem foi escolhida para análise de conteúdo pois através dela é possível investigar todo o contexto do ambiente que influencia uma ação, através da análise de um comportamento, é possível compreender de maneira ampla as contingências que envolvem o ciúme, cumprindo com os objetivos propostos na pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Como citado na metodologia, o procedimento utilizado para coleta de dados foi o de entrevista (Apêndice A), contendo 13 perguntas abertas sobre o tema. Foram entrevistados 7 (sete) indivíduos que se propuseram a participar da pesquisa, e que foram informados previamente sobre o critério de escolha, através do texto de apresentação. A realização das entrevistas proporcionou os seguintes dados:

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos entrevistados

	Sexo	Idade	Escolaridade	Residência	Quanto tempo em relacionamento(s) não monogâmicos
Sujeito 1 *parceiro do sujeito 7	M	27	Superior Completo	ES	2 anos
Sujeito 2 *parceiro do sujeito 5	M	31	Superior Completo	ES	2 anos
Sujeito 3	F	19	Superior Incompleto	ES	6 meses
Sujeito 4	F	28	Superior Completo	ES	3 anos
Sujeito 5	F	25	Superior Incompleto	ES	2 anos
Sujeito 6	F	26	Superior Completo	ES	Durante 2 anos
Sujeito 7	F	27	Superior Completo	ES	2 anos

Fonte: elaboração própria.

A partir dos dados da tabela foi possível perceber a predominância de indivíduos do sexo feminino em relação ao interesse e disponibilidade de participar da pesquisa. Apesar de não se tratar de um critério da pesquisa, alguns dos participantes que se disponibilizaram são parceiros, estes foram entrevistados no mesmo dia, porém, em sequencia, individualmente. Quanto aos relacionamentos, todos os entrevistados relataram que as relações abordadas nessa pesquisa são a primeira experiência de não monogamia, em um passado exclusivamente monogâmico. Nesse aspecto é possível considerar que essas relações tem sido mais freqüentes ou mais assumidas nos últimos anos. A maior parte dos entrevistados (Sujeito 1, 2, 3, 5 e 7) relataram estar em uma relação não monogâmica atual, com exceção de um único participante (Sujeito 6) que relatou que esteve anteriormente em uma relação de duração de dois

anos, e afirmou sobre o momento atual “*me encontro atualmente em uma relação monogâmica*” (Sujeito 6). Fato que exemplifica que a mudança na escolha de modelos de relacionamentos não seguem apenas o sentido de monogâmico para não monogâmico, mas que também é possível encontrar a situação inversa, de forma que o indivíduo poderia transitar entre vários modelos de relações durante a sua vida, de acordo com as suas escolhas e as de seu/sua parceiro(a).

De acordo com Pilão (2015), essa seria uma situação não tão comum, pois os indivíduos tendem a relacionar o momento antes da “conversão” ao poliamor como uma época de repressão, uma parte negativa e sombria de suas vidas. Já o segundo momento, enquanto poliamorista, a percepção é de tornar-se alguém mais maduro e com emoções mais nobres, abandonando esse passado monogâmico e repressivo (informação verbal) ¹⁷.

O contexto repressivo da monogamia destacado pelo autor, nesse sentido, pode ser associado novamente ao conceito de coerção da análise do comportamento, ao considerar que vive-se em um contexto coercitivo, no sentido de que existem leis e instituições que influenciam diretamente no comportamento humano dizendo o que deve ou não ser feito (SIDMAN, 1993). Ao analisar por esse aspecto, a repressão seria então, uma forma de coerção.

¹⁷ Apresentação online ministrada por Antônio Cordeiro Pilão no XI Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana no ano de 2015. (informação verbal)

4.2 AS RELAÇÕES E CATEGORIZAÇÃO DO POLIAMOR

Tabela 2 - Definição dos próprios sujeitos sobre se estão ou já estiveram em relações de poliamor

	Sim	Não sabe definir	Outro modelo de relacionamentos não monogâmicos
Sujeito 1		x	
Sujeito 2			X
Sujeito 3		x	
Sujeito 4			X
Sujeito 5			X
Sujeito 6			X
Sujeito 7	X		
Total:	1	2	4

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a tabela anterior foi percebido que dois (2) dos entrevistados tiveram dificuldade ao se definir em uma relação de poliamor. Nesse aspecto deve ser considerado o fato de que a utilização do termo ainda é recente e não claramente conceituado, visto que é definido de maneira diferente por vários adeptos, devido a pluralidade das relações poliamorosas. Fator que pode ter tornado os participantes receosos ao afirmarem, por mais que tenham descrito estar em relações compatíveis com o que se propõe no poliamor.

Esse fato pode estar relacionado também, com uma forma de esquiva das coerções sociais visto que “o controle coercitivo sempre foi uma característica da sociedade em geral” (SIDMAN, p. 75, 1993, tradução nossa).¹⁸ Sendo assim, o indivíduo pode optar, em alguns casos, não expor sobre esse assunto, devido as consequências sociais que esse comportamento produz, em um contexto que esse modelo de relacionamento não é predominante. Entende-se por coerção, entretanto, como “[...] uso da punição ou prática de ameaça de punição para fazer os outros agirem da forma que gostaríamos, punindo ou ameaçando puni-los [...]” (SIDMAN, p. 75, 1993, tradução nossa).¹⁹

Todos os entrevistados se classificaram dentro do grupo de pessoas que possuem relacionamentos não monogâmicos. Embora esta seja uma definição mais ampla, pode

¹⁸ Coercive control has always been characteristic of society in general.

¹⁹ [...] use of punishment or the threat of punishment-the practice of getting others to act as we would like by punishing or threatening to punish them[...]

ser visto como uma maneira mais simples de apresentar as relações aos outros, considerando também, que dessa forma não seria necessário fazer a diferenciação entre as formas possíveis. Outro fator necessário de ser considerado nesse aspecto, é que algumas pessoas costumam utilizar a definição de poliamor como “sinônimo de não monogamia” (PILÃO, 2012, p. 63). Embora tenha sido um termo muito utilizado, para alguns autores “[...] o primeiro **(não monogamia)** traz conotações negativas já que afirma apenas aquilo que não é” (PILÃO, 2012, p. 63, grifo nosso).

Quatro (4) entrevistados relataram estar inseridos em outros modelos, no caso surgiram as definições “amor livre” (Sujeito 2, 4, 5) e “relacionamento aberto” (Sujeito 6). Embora Sujeito 6 tenha relatado que esteve em uma outra modalidade “[...] *com intencionalidade de se desdobrar no poliamor [...]*” (Sujeito 6). E também, o Sujeito 5 relatou a possibilidade de “[...] *firmar outros relacionamentos [...]*” (Sujeito 5), embora ainda não tenha acontecido.

Já o Sujeito 7 definiu estar em uma relação de poliamor quando afirmou “[...] *em 2014, início de 2014, foi que a gente realmente se apresentava como um casal poliamorista, vamos colocar assim [...]*” (Sujeito 7).

Quadro 4 – Categorização das definições de poliamor segundo as respostas dos entrevistados

Categorias	Participantes
1. Possibilidade/liberdade de amar mais de uma pessoa	Sujeitos (5) e (7)
2. Foco no afeto, companheirismo, respeito	Sujeitos (6) e (7)
3. Ter mais de um relacionamento “sério”/fixo	Sujeitos (3), (4), (2)
4. Busca romper com o que é socialmente imposto	Sujeitos (1), (5)

Fonte: elaboração própria.

Nessa questão foi possível encontrar um padrão de respostas principalmente relacionado a questão afetiva, coerente ao que é freqüentemente pautado em termos conceituais das relações de poliamor. O Sujeito 4 acrescentou em sua definição uma consideração ao poliamor, pois para além dos dados da tabela, ela acrescentou uma crítica relatando que o poliamor é, necessariamente, uma “[...] *monogamia a três [...]*” (Sujeito 4), se referindo ao fato de pessoas que se relacionam em grupos fechados

(triângulo, quarteto, entre outros) como a única possibilidade dentro da prática poliamorista. Como apresentado no tópico 3.4 Poliamor, é notável que existem milhares de configurações possíveis dentro desse contexto, não sendo exclusivo a um modelo específico de relacionamentos dentro desse contexto, o que pode indicar conforme discutido, que o entrevistado não possui conhecimento pleno dos modelos poliamoristas de se relacionar.

4.3 O CIÚME

No primeiro momento foi realizado a análise visando responder se existe ou não ciúme em relações de poliamor. A pergunta foi dirigida aos participantes da entrevista e inicialmente esse aspecto foi considerado de forma mais ampla como representado no quadro a seguir.

Quadro 5 – Resposta dos participantes sobre a questão 7 (Você sente ciúme com frequência?)

	Sim	Não
Sujeito 1		<i>"[...] eu acho que não, até mesmo pelo esforço de desconstrução dele[...]"</i>
Sujeito 2	<i>"Antigamente eu sentia com muito mais frequência do que hoje. Apesar de que eu sinto com frequência"</i>	
Sujeito 3	<i>"Eu acho que sim. Mas não com tanta frequência quanto a maioria das pessoas, eu acho"</i>	
Sujeito 4		<i>"[...]ciúme mesmo assim eu nunca. Até porque ele é muito tranquilo e me passa segurança. Eu falo isso e as pessoas acham que eu não sou humana[...]"</i>
Sujeito 5		<i>"Não"</i>
Sujeito 6		<i>"Eu não sou muito ciumenta não, nunca fui muito ciumenta, sempre fui mais tranqüila"</i>
Sujeito 7	<i>"É, eu sinto de uma maneira bem específica, uma pessoa específica [...]"</i>	
Total:	3	4

Fonte: elaboração própria.

De acordo com a tabela anterior, nota-se que a maior parte (4) dos entrevistados (Sujeitos 1, 4, 5 e 6) relatam não sentir ciúme em suas relações. Por outro lado três (3) dos participantes (Sujeitos 2, 3 e 7) relatam sentir ciúme, geralmente em situações específicas, como relata o Sujeito 7 ou consideram sentir menos do que as outras pessoas, como relata o Sujeito 3.

4.3.1 CIÚME RELATADO PELOS PARTICIPANTES

Durante a realização das entrevistas foi perguntado aos participantes que relataram sentir ciúme, quais são as situações que os mesmos já sentiram ou ainda sentem, no contexto das relações não monogâmicas. Com as respostas adquiridas foi possível organizá-los em uma tríplice contingência a fim de melhor elucidar os dados obtidos, e tornar possível uma breve análise sobre as situações de ciúme informadas. Considerando que para a realização de uma análise funcional, de fato, seria necessário ter acesso a mais informações sobre os sujeitos entrevistados.

Apenas um dos participantes (Sujeito 4) não soube dizer uma situação específica pois alega não sentir ciúme, como exposto na tabela anterior.

Quadro 6 - Sujeito 1 – Situação relatada:

Antecedente	Resposta	Consequência
Festa de aniversário Presença de um parceiro de sua parceira	Sentir-se preterido Sentir ciúme	(Reforço negativo) Esquivar-se da situação, saindo do local da festa (Punição negativa) Perder a festa
Após a festa, no dia seguinte	Conversar com a parceira sobre a situação	(Reforço positivo) Amenizar a situação, manteve a relação

Fonte: Elaboração própria.

Na situação anterior é possível perceber duas contingências que atuam em momentos diferentes, sendo que a primeira teve como consequência reforço negativo pois o Sujeito 1 se esquivou da situação, e punição negativa pois ele perdeu reforçadores, no caso, a festa e a presença de pessoas importantes. Na segunda situação, o sujeito ao buscar conversar sobre o acontecimento, foi reforçado positivamente ao resolver a

situação e manter o relacionamento. Dessa forma, pode-se pensar que o manejo para lidar com o comportamento de ciúme foi inicialmente de esquiva, e posteriormente, no sentido de dialogar/conversar sobre o assunto e buscar manter os reforçadores que a relação o fornece.

Quadro 7 - Sujeito 2 – Situação relatada:

Antecedente	Resposta	Consequência
Estar em uma festa Parceira se relaciona publicamente com outras pessoas	Sentir-se preterido Sentir ciúme Sentir-se preocupado com o que as outras pessoas vão pensar sobre a situação Conversar com a parceira sobre o desconforto	(Punição positiva) Parceira continua se comportando da mesma forma anterior (Reforço positivo) Parceira o incentiva a se relacionar com outras pessoas também

Fonte: Elaboração própria.

Nesse caso é relatado pelo Sujeito 2 que não houve mudanças no comportamento da namorada de “ficar” com outras pessoas em função de seu relato de desconforto sobre as situações. Dessa forma, a parceira não reage da maneira esperada pelo Sujeito 2, e o comportamento de enciumar-se não é reforçado. Ao invés disso, a namorada (Sujeito 5) pergunta “*E com quem você quer ficar?*”, e quando ele relata atração por alguém, ela incentiva que o Sujeito 2 se relacione com essas pessoas. Ele afirma durante a entrevista “*ela incentiva isso, principalmente no início, até eu começar a me abrir mais pra isso. Ela teve que abrir muitas oportunidades pra eu não ficar me sentindo mal naquela situação*” (Sujeito 2).

Deve se considerar, nesse caso, que o comportamento do Sujeito 2 de demonstrar atração por outras parceiras no passado, em contexto de relações monogâmicas, seria possivelmente conseqüenciado por situações aversivas, como discussões ou até mesmo resultar no término da relação, no caso, a perda de reforçadores para o sujeito. Logo, esse comportamento está sob controle de contingências que fizeram parte da história do indivíduo, e a mudança de repertório não é algo simples devido as variáveis envolvidas. Apesar de que o Sujeito 2 tenha relatado que atualmente, esse não tem sido um problema freqüente “[...] *então era mais difícil pra mim, isso era um problema. Hoje em dia já não tem muito mais. Geralmente as pessoas que eu to afim eu já vou*” (Sujeito 2).

Por um lado é possível entender que essa elaboração do comportamento se deu a medida que ele foi exposto a tal contingência (ficar com outra pessoa) sem precisar se esquivar do fato ou necessariamente sofrer punições. Ainda é possível acrescentar outro ponto importante, o consentimento de sua parceira. Esses são fatores que tornam a contingência reforçadora e podem contribuir para um sentimento de felicidade, pelo fato dele ter a sensação de que pode fazer suas escolhas, e se sentir mais livre. Como afirma o autor: “Quanto menos nosso comportamento for modelado por punição ou ameaça de punição – quanto mais nossas escolhas forem guiadas pelo reforço positivo – tanto mais nos sentiremos livres e felizes” (BAUM, 2006, p. 192).

Esse relato se aproxima também, da ideia de compersão discutida anteriormente, considerando que o comportamento de ter outros parceiros pode ser reforçador para ambos da relação. Nesse sentido, deve-se constatar que houve uma ampliação de repertório devido contingências reforçadoras estabelecidas anteriormente.

Quadro 8 - Sujeito 3 – Situação relatada

Antecedente	Resposta	Consequência
O parceiro conta sobre experiências anteriores de relacionamento	Sentir ciúme Continuar conversando sobre o assunto, não expressou o ciúme para o parceiro	(Reforço positivo) Manter a atenção e companhia do parceiro (Reforço negativo) Esquiva de discussões com o parceiro
Conversa com as amigas sobre o ciúme Amigas escutam a situação e a acolhe fazendo elogios	Sentir-se amada	(Reforço positivo) Aumento da autoestima

Fonte: Elaboração própria.

Nesse caso, durante a entrevista o Sujeito 3 afirma que *“eu acho que só vou chegar e falar na hora se for uma coisa que realmente tá me fazendo muito mal, do tipo de eu ficar muito triste. Mas esse tipo de situação ainda não ocorreu”* (Sujeito 3). De acordo com essa fala, é possível perceber que ela preferiu não ter conversado sobre o assunto pois não foi algo tão significativo para isso, embora tenha sentido em certo nível. Ao conversar com amigas próximas sobre a situação torna possível ela obter reforçadores, inclusive, fora da relação. Nesse caso, a esquiva é um possível manejo do ciúme, que traz consequências imediatas, como relatadas no quadro acima.

Quadro 9 – Sujeito 5 – Situação relatada:

Antecedente	Resposta	Consequência
Após término de alguns meses, voltam a relação Parceiro sai para ficar com outra pessoa	Sentir ciúme Conversar com o parceiro Tentar estar mais próxima na relação	(Reforço positivo) Recebe atenção do parceiro

Fonte: Elaboração própria.

O Sujeito 5 relata que durante esse período que o relacionamento estava se estabelecendo novamente e que “[...] e aí foi essa questão da insegurança mesmo, a gente ainda tava voltando e nem sabia direito como a gente tava, não tinha passado tanto tempo junto ainda” (Sujeito 5). Mas relatou que essa situação não interferiu no relacionamento ao relatar que “Mas não foi nada de brigar e tal, foi tranqüilo. E ai ficou tudo bem” (Sujeito 5).

Quadro 10 - Sujeito 6 - Situação relatada:

Antecedente	Resposta	Consequência
Não simpatizar com uma pessoa específica no qual a parceira inicia um outro relacionamento Festa onde os três estão presentes	Sentir ciúme Incomodo na presença da pessoa Conversar com outros amigos no ambiente (esquiva)	(Reforço positivo) Aproveitar a festa com os amigos

Fonte: Elaboração própria.

Nessa situação o Sujeito 6 relatou que não sentia ciúme em outras relações que a parceira tinha, exceto no caso citado nessa pesquisa. Segundo o relato do entrevistado quando sentia ciúme:

[...] as vezes eu ficava perto, as vezes eu saía. Não era a primeira motivação que eu tinha não. Eu tentava ficar mais de boa e na maioria das vezes eu realmente ficava de boa, porque eu tinha muito amigo lá, tenho muito amigos lá pra ficar trocando idéia. Então eu consegui conviver até certo tempo e depois ficou me enchendo o saco. Aí só quando eu percebi que não dei conta mais aí eu falei [...] (Sujeito 6)

Dessa forma, é possível visualizar que uma das formas de manejo do ciúme é através da esquiva ao ir conversar com amigos, e assim obtendo reforçadores no sentido de poder aproveitar a festa e não precisar ir embora do ambiente, que seria uma consequência de punição negativa.

Quadro 11 - Sujeito 7 – Situação relatada

Antecedente	Resposta	Consequencia
Parceiro se relaciona com outra pessoa pela primeira vez após acordarem em um novo modelo de relacionamento não monogâmico	Sentir ciúme Esquiva do parceiro por dois meses Esquiva da pessoa que o parceiro havia se relacionado	(Punição) Término da relação

Fonte: Elaboração própria.

O Sujeito 7 relata que a situação ocorreu no período que começaram a ter uma relação de poliamor, após o casal vivenciar cinco anos de relação monogâmica. Relatou ter sido muito difícil, mesmo tendo acordado anteriormente com a possibilidade de ser parceiro se envolver com outras pessoas. Porém, Sujeito 7 relatou que em dois meses voltaram ao relacionamento, o qual se encontram atualmente. Dessa forma, foi possível perceber que a consequência imediata foi o término da relação (punição), e que posteriormente, houve a busca por um diálogo/conversa sobre a situação que ocasionou na reconciliação do relacionamento, de forma que ambos puderam manter os reforçadores que a relação oferece.

Em geral, foi possível notar nessa etapa da entrevista em relação ao manejo do comportamento de enciumar-se que quatro dos entrevistados (Sujeitos 1, 2, 5 e 7) é o que no primeiro prevalece o comportamento de esquiva e consequências menos adequadas a curto prazo ocasionando na perda de reforçadores. No segundo momento, há o diálogo e o comportamento de conversar sobre o ocorrido, e consequências a longo prazo mais funcionais, que mantém as relações no contexto de regras poliamorista.

Enquanto aos Sujeitos 3 e 6 o manejo se dá no comportamento de conversar com amigos, ao invés de trazer a situação para o parceiro, mantendo a relação e os reforçadores em questão.

4.3.2 CIÚME DO(A) PARCEIRO(A) NA RELAÇÃO

Em relação ao ciúme, nesse segundo momento a seqüência de perguntas da entrevista se deu em relação ao ciúme que o parceiro demonstrou/demonstra na relação.

No primeiro momento a pergunta foi realizada de forma a questionar se o(a) parceiro(a) emite comportamentos de ciúme, como exposto no Quadro 12. E no segundo momento, nas situações que a resposta foi positiva, o relato foi esquematizado novamente no modelo da tríplice contingência para que então seja possível avaliar quais as variáveis envolvidas no comportamento em questão.

Quadro 12 – Respostas para a questão: Seu/sua parceiro(a) demonstra sentir ciúme com frequência?

Participantes	Sim	Não	As vezes
Sujeito 1			<i>“Eu acho que assim, que cada caso é um caso. Mas acho que tem algumas pessoas que assim, muito pouco, quase nada”</i>
Sujeito 2	<i>“Se ela considerar mais bonita do que ela ou inteligente, pessoa que ela se sinta ameaçada assim ela sente bastante ciúme”</i>		
Sujeito 3			<i>“Era mais no começo do relacionamento [...] eu acho que ele demonstra muito menos ciúme do que eu”</i>
Sujeito 4			<i>“Mas eu nunca passei por uma situação pública de problemas com ciúme. Até quando a gente era monogâmico a gente tinha um relacionamento saudável nesse tipo”</i>
Sujeito 5	<i>“Ele já é mais ciumento. Até porque acontece com mais frequência de eu ficar com outras pessoas, e ele tem bastante dificuldade”</i>		
Sujeito 6		<i>“ela não demonstrava sentir ciúme, mas no término contou que na verdade sempre sentiu”</i>	
Sujeito 7		<i>“Não demonstra”</i>	
Total:	2	2	3

Fonte: elaboração própria

Em relação ao ciúme expresso pelos parceiros nas relações, foi possível notar, de acordo com os dados acima (Quadro 12) dois (2) dos entrevistados (Sujeito 2 e 5) relataram que seus parceiros costumam expressar ciúme. Enquanto dois (2) entrevistados (Sujeito 6 e 7) relataram que seus parceiros não demonstraram sentir ciúme durante o período de relacionamento. Três (3) dos entrevistados (Sujeito 1, 3 e 4) relataram que seus parceiros expressam ciúme com pouco menos frequência.

Quadro 13 - Sujeito 1 – Situação relatada de ciúme expresso pelo parceiro:

Antecedente	Resposta	Consequência
Presença de uma pessoa específica das que o parceiro mantém uma relação	Sentir ciúme Se retira do ambiente	(Punição negativa) Perde a atenção do parceiro (Reforço negativo) Redução do desconforto Evita situações de desentendimento

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 14 - Sujeito 2 – Situação relatada de ciúme expresso pelo parceiro:

Antecedente	Resposta	Consequência
Sujeito 2 se relaciona com uma pessoa que a parceira considera mais atrativa	Parceira se sente ameaçada Sente ciúme Se retira do ambiente Conversa com amigas	(Reforço positivo) Atenção das amigas Mantém a relação com o parceiro (Reforço negativo) Esquiva da situação

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 15 - Sujeito 3 - Situação relatada de ciúme expresso pelo parceiro:

Antecedente	Resposta	Consequência
No início da relação, Sujeito 3 se relaciona com outra pessoa na casa do parceiro em uma festa Sujeito 3 não quis se relacionar com o parceiro nesse dia	Parceiro se sentiu preterido Parceiro sentiu ciúme Evitou a parceira Não conversou com ela durante dois dias	(Punição negativa) Perde atenção e companhia da parceira (Reforço negativo) Esquiva do parceiro

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 16 - Sujeito 4 - Situação relatada de ciúme expresso pelo parceiro:

Antecedente	Resposta	Consequência
O Sujeito 4 contou que se relacionou com outra pessoa	Parceiro se sentiu com ciúme Parceiro ameaçou ir embora de casa	(Reforço positivo) Ganha mais atenção da parceira que insiste para que ele fique, afirmando que ele não será “trocado”
Parceira insiste em conversar	Conversaram sobre o ocorrido	(Reforço positivo) Mantiveram o relacionamento

Fonte: Elaboração própria.

Nessa situação relatada, o Sujeito 4 afirma que essa foi uma situação que aconteceu no início de quando resolveram acordar em ser não monogâmicos. *“Eu me senti assim logo quando a gente abriu eu falei de uma pessoa que eu tinha saído e ele ficou muito bolado, e queria sair de casa”* (Sujeito 4). O Sujeito 4 relata que seu parceiro se mostrou muito resistente a qualquer tentativa de conversa, relatou que “[...] *ele disse ‘não, vai ficar com fulano’. Aí eu expliquei que eu não to querendo dizer que eu vou trocar ele. Ele sentiu que eu não gostava mais dele, já que eu tinha saído com outra pessoa. Mesmo a gente tendo acordado isso antes*” (Sujeito 4). Ou seja, nesse caso há evidência da dificuldade em relação ao manejo do ciúme, mesmo que o contexto de regras da relação tenha mudado, como acordado pelos parceiros. Dessa forma, a parceira busca reforça-lo diretamente ao dizer o quanto o ama e ao insistir que ele permaneça.

Quadro 17 – Sujeito 5 - Situação relatada de ciúme expresso pelo parceiro:

Antecedente	Resposta	Consequência
Sujeito 5 avisa ao parceiro que irá sair Sujeito 5 deixa que ele vá, mas avisa que marcou com outra parceira	Parceiro se sentiu preterido Sentiu ciúme Decidiu ir junto	(Reforço positivo) Mantém a companhia e atenção da parceira (Reforço negativo) Esquivar-se de não saber o que a parceira faz (Punição positiva) Entra em contato com o aversivo, que é ver a parceira com outra pessoa

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar as situações relatadas é possível perceber que quanto ao manejo do comportamento de enciumar-se dos parceiros, relatado pelos entrevistados, prevalece

um padrão de comportamento próximo ao que foi analisado anteriormente. Em um primeiro momento há esquiva e comportamentos menos funcionais, posteriormente é possível perceber que o comportamento de conversar sobre o assunto com o parceiro ou com amigos é reforçado, e então, as relações se mantêm. Nesse sentido tornar-se importante ressaltar que foi possível perceber em cada caso relatado, o fato de que existem contingências conjuntas envolvidas em relação ao manejo do ciúme.

Em geral, o ciúme relatado na ocasião primeira ocasião (do próprio entrevistado) e da segunda (o ciúme do parceiro) tem em comum as características de antecedentes onde havia a presença de um outro parceiro na situação ocorrida, ou ter acesso ao fato de que seus parceiros se relacionaram com outras pessoas. Fato que exemplifica o que é proposto em relação ao ciúme na análise do comportamento, no sentido de que ele ocorre em uma “situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador” (MENEZES; CASTRO, 2001 apud COSTA, 2005 p. 20).

Tabela 3 – Resposta da pergunta: Você sabe o que é compersão?

	Sim	Não
Sujeito 1	X	
Sujeito 2	X	
Sujeito 3	X	
Sujeito 4		X
Sujeito 5		X
Sujeito 6	X	
Sujeito 7		X
Total:	4	3

Fonte: Elaboração própria.

A tabela anterior mostra que embora esse não seja um termo muito utilizado, a maior parte dos entrevistados (4) o conheciam, enquanto (3) disseram não saber o significado.

Em um outro momento da entrevista, foi perguntado qual seria a definição para eles sobre a compersão, relatada na tabela a seguir.

Quadro 18 – Respostas para a pergunta: O que você entende sobre compersão?

Sujeito 1	<i>“seria uma espécie de sentimento inverso do ciúme, inverso não no sentido do não-ciúme. Mas no sentido de um sentimento de felicidade com a felicidade de outra pessoa, com um outro amor”</i>
Sujeito 2	<i>“Eu acho que acaba sendo sempre uma questão da pessoa mesmo, da pessoa se satisfazer de uma certa maneira. Eu não acho que tem nada de altruísta nisso. Eu acho que é um comportamento normal e egoísta como outro qualquer. Eu não acho que tem a ver com o outro assim, tem a ver com você e com as coisas que você quer”</i>
Sujeito 3	<i>“É tipo você ficar feliz pela pessoa tá feliz se relacionando com outras pessoas e tal. Quando você fica feliz de ver duas pessoas bacanas se relacionando e você acha que elas deveriam se relacionar e tal”</i>
Sujeito 4	<i>“Compersão? Nunca ouvir falar”</i>
Sujeito 5	<i>“Acho que a minha amiga comentou comigo, mas eu não to lembrando agora”</i>
Sujeito 6	<i>“A compersão me parece na real mesmo, uma parada bem machista e bem fetichista, bem quero fazer um ménage. Do muito que eu acompanhei sempre quem pautava isso era homem, sempre quem falava de compersão era homem e tal, que ficava feliz quando a namorada tava com outra”</i>
Sujeito 7	<i>“Nunca ouvi falar”</i>

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o (Quadro 18) que em relação ao termo compersão, a visão dos entrevistados se mostra distinta, e não necessariamente de acordo com o que é proposto ao termo. Isso implica em duas sugestões: talvez os entrevistados não compreendam ou não tenham tido algum contato com pessoas compersivas, ou pessoas tem utilizado o termo para sobrepor outras práticas/attitudes. Durante a realização dessa pesquisa não foi possível concluir hipóteses em relação a essa situação, mas é um fator que pode ser levantado em outros estudos posteriores.

Deve-se considerar novamente, que esse é um termo recente e ainda pouco discutido, e trata-se de uma reflexão sobre formas de manejo do ciúme, e que pode ser vista também como uma estratégia de comportar-se por regras estabelecidas pelo próprio grupo. A regra em si, pode ser compreendida como um “estímulo discriminativo verbal que indica uma relação de reforço” (BAUM, p. 168, 1999). Nesse sentido, torna-se

importante ressaltar novamente a importância do grupo como um contexto que oferece regras específicas que são reforçadas.

No último momento da entrevista, foi perguntado aos participantes que afirmaram conhecer o termo compersão (Sujeitos 1, 2, 3 e 6), se costumam praticar nas suas relações, e se sim, de quais formas.

Quadro 19 – Sobre a prática da compersão

Participantes	Pratica a compersão?	Se sim, de quais formas?
Sujeito 1	<i>“Eu pratico O máximo que eu posso. [...] Mas eu faço um esforço muito grande. E não me satisfaz, não acho que é o suficiente”</i>	<i>“[...] a primeira coisa é quando eu começo a destratar pessoa que se relaciona com uma pessoa que é parceira minha, parceiro ou parceira, eu to contribuindo pra pessoa não ficar a vontade de tá com aquela parceira que é parceira minha também. Então acho que tem um elemento importante assim de não fazer a pessoa não se sentir a vontade comigo, tentar não criar esse constrangimento”</i>
Sujeito 2	<i>“Não, eu sou totalmente egoísta, eu acho”</i>	
Sujeito 3	<i>“Eu entendo”</i>	<i>“Já aconteceu de eu juntar ele com outra pessoa que eu achava que tinham tudo a ver. Mas foi a única vez”</i>
Sujeito 6	<i>“Não”</i>	

Fonte: elaboração própria.

De acordo com o relato dos entrevistados no (Quadro 19) a compersão em sua prática pode ser expressa de diversas formas, desde a abertura de um espaço que os parceiros sintam-se confortáveis ao se relacionar com outras pessoas, a medida que a pessoa compersiva irá, ao contrário do que se espera, reforçar este comportamento de diversas formas, seja no tratamento as demais pessoas envolvidas, ou até mesmo incentivando pra que essa prática ocorra. Ou seja, a possibilidade ou o comportamento de se relacionar com outros parceiros surge como algo que pode ser reforçado, logo, entende-se que quando um comportamento é conseqüenciado por reforço, há um aumento da probabilidade dele voltar a ocorrer novamente (MOREIRA; MEDEIROS, 2007).

Em relação ao contexto de regras e novos repertórios, deve ser considerado que o comportamento de ter outros parceiros seria algo muito aversivo em outras modalidades de relacionamentos, logo, não seria praticada com facilidade devido a história de contingências do sujeito. O que precisaria ser melhor investigado para uma análise de outros fatores que estão envolvidos na própria história de contingências de reforçamento dos indivíduos, pois o modelo de entrevista permite o acesso a apenas uma pequena parte desse contexto, através do relato verbal, no entanto, há diversas outras variáveis em questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado buscou verificar se há comportamento de enciumar-se em relacionamentos poliamorosos, assim como quais os possíveis manejos do mesmo nesse contexto.

Os resultados da pesquisa trouxeram que o ciúme de fato existe nessas relações, em alguns casos apresentando ser mais ameno. Mas este fator é visto pelos entrevistados como uma barreira a ser ultrapassada de uma forma que não prejudique a relação. Nesse sentido há uma busca pela desconstrução e novos aprendizados, novos repertórios surgem a partir dessa interação.

É possível perceber que nas relações poliamoristas há variabilidade de comportamentos em relação ao manejo ciúme, à medida que o contexto de regras do modelo de relacionamento inviabiliza esse padrão de comportamento, e o diálogo se torna, então, uma ação reforçada pelos parceiros e importante para que se criem acordos e novos repertórios que possam ser adaptados formando uma relação mais confortável para os envolvidos.

Notou-se que em relação ao manejo do ciúme, o comportamento dos indivíduos foram inicialmente de esquiva da situação aversiva, onde existe a possível perda de reforçadores. Nesse caso, consequências menos adequadas, visando um efeito imediato, a curto prazo. O comportamento de esquiva também ocorreu, em alguns dos casos, no sentido de buscar outras fontes de reforçadores, por exemplo, se retirar da situação para conversar com amigos.

Em um segundo momento, os entrevistados relataram que um dos manejos possíveis visando consequências a longo prazo é o diálogo, na tentativa de expressar e conversar aquilo que é sentido, em busca da desconstrução do ciúme, mantendo a relacionamento e os reforçadores envolvidos.

A falta de conhecimento e de estudos relacionadas ao tema da pesquisa foram as principais dificuldades durante a realização do mesmo. Pois este fator influencia, também, em um número reduzido de participantes dentro do limite regional proposto. E

mesmo dentro desse limite, algumas pessoas não compreendem com clareza o que representa o poliamor, preferindo utilizar o termo não monogâmico, devido a sua abrangência.

Em relação aos entrevistados, surgiram pessoas de outras modalidades de relacionamentos não monogâmicos, porém, em alguns dos casos, interessados em estabelecer futuramente uma estrutura de relacionamento poliamorista. De acordo com razões descritas durante a pesquisa, essa não é uma modalidade simples de ser praticada e assumida socialmente, pois implica em diversas conseqüências para os sujeitos envolvidos.

Foi possível notar que novos modelos de relacionamentos tem sido assumidos com maior freqüência nos últimos anos, mas ainda representa em números uma pequena amostra da região. Embora esteja surgindo na mídia de forma mais nítida recentemente, despertando o interesse de mais adeptos. Um aspecto importante de ser considerado em relação a maior discussão do tema atualmente, é que essa modalidade de relacionamentos se torna cada dia mais provável de surgir com maior freqüência na atuação clínica do psicólogo. Nesse sentido, é essencial a realização de estudos que possam auxiliar o trabalho do profissional de maneira coerente, com o acesso a informações fidedignas a respeito dessa prática, pois o profissional necessitar ter conhecimento da cultura que o indivíduo está inserido e das escolhas que ele faz durante a sua vida.

Durante a realização das entrevistas com os participantes, outros pontos surgiram com freqüência e intensidade, por exemplo, questões atreladas ao feminismo, e outros movimentos relacionados. Os entrevistados se mostraram envolvidos em questões sociais, para além das relações amorosas, e preocupação em não reproduzir em outros contexto de “liberdade” situações machistas ou outras formas de opressão, buscando desconstruir diversos conceitos além do próprio ciúme, porém esses outros temas não foram o objetivo dessa investigação, por isso não foram discutidos.

O contexto de grupo virtual enquanto nas relações poliamoristas é um fator que também pode ser melhor estudado pela psicologia em pesquisas futuras, pois é a partir da interação desses indivíduos que se torna possível a desconstrução do ciúme, na

lógica de que certos comportamentos são reforçados dentro do grupo em questão, ou até mesmo punidos.

Em relação ao poliamor e a compersão, entende-se que são conceitos que fornecem um diferente contexto de regras, onde há mudanças na conseqüência de comportamentos que seriam punidos em outros contextos, produzindo novos repertórios e diversas formas de amar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K.R.B.; SILVA, A.A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 1, p. 83-90, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/10.pdf>>. Acesso em: 3 de agosto de 2015.
- ANAPOL, M. D. **Polyamory in the 21st Century: Love and Intimacy with Multiple Partners**. United Kingdom: Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- ARDILA, R. J.B WATSON, a psicologia experimental e o condutismo 100 anos depois. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 312-319, abr. 2013. Disponível em:<www.revispsi.uerj.br/v13n1/artigos/html/v13n1a19>. Acesso em: 5 de agosto de 2015.
- BARASH, D. P.; LIPTON J. E. **O mito da monogamia: Fidelidade e infidelidade nos animais e seres humanos**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2007.
- BAUM, M. W. **Compreender o Behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cultura**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul, 1999.
- BARROS, S. R. Uma introdução ao comportamento verbal. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**. São Paulo, v. 5, nº. 1, jun. 2003. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452003000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 de outubro de 2015.
- BUCHE, G. Famílias Simultâneas: O Poliamor no Sistema Jurídico Brasileiro. **Revista Eletrônica OAB Joinville**, Joinville, v. 2, n. 2, jun. 2011. Disponível em: <<http://revista.oabjoinville.org.br/artigo/78/familias-simultaneas-o-poliamor-no-sistema-juridico-brasileiro/>>. Acesso em: 5 de agosto de 2015.
- BUSS, D. M, et al. Sex difference in jealousy: Evolution, Physiology, and Psychology. **Psychological Science**. v. 3. v. 4. july, 1992. Disponível em: <<http://courses.washington.edu/evpsych/SexDifferencesinJealousy.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2015.
- CARDOSO, S. D. **Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor**. 2010. 92f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2010. Disponível em:<<http://run.unl.pt/bitstream/10362/5704/1/Tese%20Mestrado%20Daniel%20Cardoso%2016422.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2015.
- COSTA, N.; BARROS, R. S. Ciúme: Uma interpretação analítico-comportamental. **Acta Comportamental**, Guadalajara, v. 18, n.1, p. 135-149, dez. 2010. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/actac/v18n1/a07.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro de 2015.

COSTA, N. Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental Cognitiva**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 005-013, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100003>. Acesso em: 10 de setembro de 2015.

CUNHA, V. A. J. FÉRES-CARNEIRO, T. **Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade**. 2009. (Pesquisa não publicada). Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2009/relatorio/ctch/psi/jacqueline.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2015.

DERMITAS-MADRAN, H. A. Sex Differences in Sexual Versus Emotional Jealousy: Evolutionary Approach and Recent Discussions. **Turkish Journal of Psychiatry**, v.19, n.3, p. 1-9, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.turkpsikiyatri.com/c19s3/en/en300-309.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

DERMITAS-MADRAN, H.A. Understanding coping with romantic jealousy: Major theoretical approaches. In: TRNKA, R; BALCAR, K; KUSKA M. (Eds.). **Re-Constructing Emotional Spaces: From Experience to Regulation**. 1º ed. Prague College of Psychosocial Studies Press, 2011. p. 153-167. Disponível em:<<http://www.pvsps.cz/en/emotional-spaces/>> Acesso em outubro de 2015.

FREIRE, A. E. S. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos**. 2013. 250f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUILHARDI, H.J. **Conceituação dos sentimentos**. 2007. (Em fase de publicação). Disponível em: <http://www.itcrcampinas.com.br/pdf/helio/Conceituacao_de_sentimentos2007.pdf >. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

_____. Análise comportamental do sentimento de culpa. In: TEIXEIRA, M. S, ASSUNÇÃO, M.R.B, STARLING, R.R; CASTANHEIRA, S.S. (Org.). **Ciência do Comportamento - conhecer e avançar**. v. 1, Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p. 173-200. Disponível em: <http://www.itcrcampinas.com.br/pdf/helio/analise_comportamental_sentimento_culpa.PDF>. Acesso em outubro de 2015.

_____. **Interações amorosas sob uma perspectiva comportamental**. 2015. (Em fase de publicação). Disponível em: <<http://www.itcrcampinas.com.br/txt/interacoesamorosas.pdf>>. Acesso em outubro de 2015.

_____. O toque do amor num universo de linhas paralelas: Gritos e sussurros de Ingmar Bergman. In: GUILHARDI, H.J; MADI, M.B.B.; PINHO, Q.P.P.; SCOZ, M.P.C (Orgs.). **Sobre Comportamento e Cognição - Expondo a variabilidade**. v. 8, Santo André: ESETec Editores Associados, 2001. p. 162-171. Disponível em: <<http://itcrcampinas.com.br/txt/gritosesussurros.pdf>>

HATFIELD, E, et al. **Ethnic and Gender Differences in Emotional Experience and Expression**. Honolulu, HI: University of Hawaii, 1986. (Pesquisa não publicada). Disponível em: <<http://www.elainehatfield.com/publications.html>>. Acesso em: 8 de outubro de 2015.

LAURENTI, C. Criatividade, liberdade e dignidade: impactos do darwinismo no behaviorismo radical. **Scientiae Studia**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 251-69, 2009. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662009000200006&script=sci_arttext>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

MATOS, M. O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical. In: RANGÉ, B. (org) **Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas**. Campinas, Editorial Psy, 1995. Disponível em: <<http://www.itcrcampinas.com.br/txt/behaviorismometodologico.pdf>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

MATSUMOTO, D. Ethnic differences in affect intensity, emotion judgments, display rule attitudes, and self-reported emotional expression in a American Sample. **Motivation and Emotion**, San Francisco State University, vol. 17, n. 2, p. 107-123, jun. 1993. Disponível em: <<http://www.davidmatsumoto.com/content/1993%20Ethnic%20Difference%20in%20Affect%20Intensity,%20Emotion%20Judgement.pdf>>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

MAURO, G. L; CIPOLA, G. N; GIMENEZ F. P. **Relacionamento amoroso**. Universidade Estadual de Londrina, 2000. (Pesquisa não publicada). Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/analisedocomportamento/pages/arquivos/RELACIONAMENTO%20AMOROSO_T2000.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

MICHELETTO, N. Variação e seleção: as novas possibilidades de compreensão do comportamento humano. In: BANACO, R. A. (Org.). **Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista**. 1º ed. São Paulo: ESETec Editores Associados, 2001. p. 117-129.

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed. 2007.

PILÃO, C. A. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. **Cadernos Pagu**, v. 44, p. 391-422, jun. 2015,. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n44/0104-8333-cpa-44-00391.pdf>>. Acesso em setembro de 2015.

_____. Poliamor e Bissexualidade: idealizando desvios. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 36, 2012/b, São Paulo, **Anais...**, São Paulo, p. 1-23. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8221&Itemid=217>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

_____. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. **Revista Ártemis**, v. 13, p. 62-71, jul. 2012/a. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/viewFile/14231/8159>>. Acesso em 25 de agosto de 2015>. Acesso em 10 de agosto de 2015.

LINS, N. R. **A cama na varanda**: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

RICO, V. V. R.; GOLFETO, R; HAMASAKI, I. M.E. Sentimentos. In: Hübner, E; Moreira, M. M.B. (Org). **Temas Clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2012. p. 88-99.

ROSE, J. C. C. Consciência e propósito no behaviorismo radical. In: Prado Junior, Bento (Org.). **Filosofia e comportamento**. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 67-72.

SIDMAN, M. Reflections on behavior analysis and coercion. **Behavior and social issues**, v. 3, n. 1, 1993. Disponível em: <<http://ojs-prod.lib.cc.uic.edu/ojs/index.php/bsi/article/viewFile/200/2915>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

SILVA, E. L; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4^o edição. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Trabalho original publicado em 1953).

_____. O lugar do sentimento na análise do comportamento. In: B.F. Skinner (org.) **Questões Recentes na Análise Comportamental**. Campinas: Ed. Papyrus, 2012. p. 13-24. (Trabalho original publicado em 1991).

_____. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. **Walden II**. São Paulo: EPU, 1977. (Publicação original em 1948).

_____. **Beyond freedom and dignity**. New York: Alfred A. Knopf, 1971. Disponível em: <<http://selfdefinition.org/psychology/BF-Skinner-Beyond-Freedom-&-Dignity-1971.pdf>> Acesso em outubro de 2015.

TORRES, N.; FERNANDES, M. E. K. **O amor e o ciúme sob olhar “clínico” da análise do comportamento**. Instituto de Análise do Comportamento e estudos de Psicologia. [2000?]. (Pesquisa não publicada). Disponível em: <[http://www.iacep.com.br/pdf/artigos-academicos/O%20Amor%20e%20o%20Ci%C3%BAme%20\(Nione%20Torres%20e%20Kellen%20E%20Fernandes\).pdf](http://www.iacep.com.br/pdf/artigos-academicos/O%20Amor%20e%20o%20Ci%C3%BAme%20(Nione%20Torres%20e%20Kellen%20E%20Fernandes).pdf)>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1986.

WEID, O. V. D. Swing, o adultério consentido. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.18, n. 3, p. 789-810, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2010000300009&script=sci_arttext>. Acesso em outubro de 2015.

ZALCBERG, M. Os tempos do amor. **Cógito**, Salvador, v. 12, p. 21-25, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792011000100004&script=sci_arttext>. Acesso em outubro de 2015.

APÊNDICES

APENDICE A

- 1) Você está ou esteve em uma relação poliamorosa?
- 2) Há quanto tempo? Ou por quanto tempo?
- 3) O que para você caracteriza uma relação de poliamor?
- 4) O que você pensa sobre ciúmes na relação de poliamor?
- 5) Você já passou por situações desconfortáveis em consequência do ciúme?
- 6) Quais situações? Poderia descrevê-las?
- 7) Você sente ciúme com frequência?
- 8) Em que circunstância você sente ciúme?
- 9) O seu parceiro/a demonstra sentir ciúme?
- 10) Em quais circunstâncias ele/a demonstra sentir ciúme?
- 11) Como você lida com o ciúme? Seu e do seu parceiro/a?
- 12) O que você entende por compersão?
- 13) Você tem praticado a compersão de alguma forma? Quais? Poderia me dar um exemplo?

APENDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: O ciúme em relacionamentos poliamorosos sob a perspectiva da análise do comportamento

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Arion Carlos

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Esta pesquisa visa analisar qual a relação do ciúme nas relações poliamorosas. Para investigar se esse ciúme existe e como ele se dá nessa relação.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA: Considerando a natureza da pesquisa e o método aplicado, prevê-se que a pesquisa não promoverá riscos e desconfortos.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Os benefícios da pesquisa são de fins acadêmicos e Científicos. Ao fim da realização da pesquisa, se apresentará aos profissionais de psicologia de que forma a interação grupal afeta no comportamento pessoal, promovendo a compreensão deste indivíduo.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência médica e/ou social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa.

Basta procurar o pesquisador: Arion Carlos pelo telefone: (27) 3331-8500 e no endereço: Av. Vitória, 950, Forte São João, Vitória-ES. CEP 29017- 950.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: Em qualquer momento, o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: As identidades dos voluntários serão mantidas em total sigilo por tempo indeterminado, tanto pelo executor, como pela instituição onde será realizado e pelo patrocinador. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____, portador da Carteira de identidade nº _____ expedida pelo Órgão _____, por me considerar devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvido, livremente expresse meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Fui informado que meu

número de registro na pesquisa é _____ e recebi cópia desse documento por mim assinado. _____ Assinatura do Participante Voluntário _____ Data _____ Impressão Dactiloscópica. (p/ _____ analfabeto) _____

Assinatura do Responsável pelo Estudo

Data

APENDICE C

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

Olá pessoal,

Eu sou estudante de psicologia do 10º período e estou preparando o meu trabalho de TCC. Meu tema de pesquisa é sobre o Poliamor, gostaria de poder contar com a colaboração daqueles membros do grupo que pudessem participar respondendo a uma pequena entrevista. Preciso entrevistar três (3) homens e três (3) mulheres. O critério de escolha dos participantes é terem vivido ou estarem vivendo uma relação poliamorosa.

Agradeço muito se puder contar com a ajuda do grupo.

Quem se prontificar, favor fazer contato comigo.

Obrigada!